PSTU

Opinião Socialista

ANO XIII - EDIÇÃO 365 - COLABORAÇÃO: R$ 2 - DE 26/01 A 11/02/2009 - WWW.PSTU.ORG.BR

COMEÇOU A GRANDE LUTA CONTRA AS DEMISSÕES

A HERÓICA RESISTÊNCIA PALESTINA EM GAZA

PÁGINAS 14 E 15

VAI BAIXAR MAIS - O FMI reduziu de novo sua previsão de crescimento global para 2009. Desta vez, se prevê que o crescimento será de 1% a 1,5%. Em novembro, o órgão previa um crescimento de 2,2%.

PÁGINA DOIS

ENXUGANDO – De acordo com levantamento feito pelo jornal O Estado de S.Paulo, os governos estaduais já fazem um grande aperto nos orçamentos. No total, R$ 4,96 bilhões foram bloqueados.

RETÓRICA HIPÓCRITA E ASSASSINA

Não é só Shimon Peres que esconde o genocídio palestino por trás de uma retórica hipócrita e assassina. O Ministério das Relações Exteriores de Israel, em um comunicado após sete dias de bombardeios e de meses de um bloqueio sobre a região ,disse: "Não há crise humanitária na Faixa de Gaza, por isso não há necessidade de trégua humanitária". Em suas declarações a repórteres, a ministra das Relações Exteriores israelense, Tzipi Livni, disse à agência Reuters que Israel está sendo "cuidadoso em proteger a população civil" e mantém a situação humanitária em Gaza "completamente como deveria ser".

PÉROLA

"Muitas crianças palestinas estão sendo mortas. Quase nenhuma criança israelense está sendo morta. Por quê? Porque nós cuidamos das nossas crianças"

SHIMON PERES, presidente de Israel (*06/01/09 www. globo.com.br*).

CHARGE / LATUFF

AJUDA

O setor da indústria que mais demitiu nos dois últimos meses de 2008, o de alimentos e bebidas, foi também o que recebeu mais recursos do BNDES, entre janeiro e novembro. O recordista de demissões formais tomou R$ 8,6 bilhões em crédito no BNDES, ao longo do ano -11% do desembolso total da instituição no período. Os patrões ficaram com os bilionários recursos, enquanto os trabalhadores foram para a rua.

PÉS DE CIMENTO

A crise também atingiu em cheio o grupo Votorantim. O empresário Antônio Ermírio de Moraes só não faliu devido à bondosa ajuda de Lula a seu grupo. No dia 9 de janeiro, o ministro Guido Mantega anunciou a compra de 49,99% do Banco Votorantim pelo Banco do Brasil. E, no dia 20, o presidente do BNDES revelou que daria R$ 2,4 bilhões para a Votorantim Papel e Celulose (VCP) comprar a Aracruz Celulose, que de forma secreta contraiu uma dívida de US$ 2,13 bilhões em especulações cambiais. O dinheiro público impediu que a Votorantim fechasse no vermelho.

ADEUS À REFORMA AGRÁRIA

Neste mês de janeiro, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra completou 25 anos. Mas dificilmente algum integrante do movimento comemorou os resultados do II Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA) do governo Lula. A meta do plano era implantar em cinco anos 550 mil novos assentamentos, além de regularizar 500 mil posses. No final de 2008, finalmente apareceram os primeiros resultados de 2007. O governo, porém, insiste em tentar confundir a todos divulgando que assentou, nos cinco anos, um total de 448.954 famílias. Mas, descontando as famílias de assentamentos antigos reconhecidos pelo Incra, dados apontam que o governo assentou apenas 163 mil. Isto é, cumpriu somente 30% da meta prometida.

PSTU começa 2009 na TV

No dia 15 de janeiro, o PSTU exibiu seu programa semestral de TV e rádio, em rede nacional, dedicado à crise do capitalismo. O partido mostrou depoimento de demitidos em São José dos Campos (SP) e em Itabira (MG). A luta contra as demissões, sem aceitar redução de direitos, norteou o programa, com a paralisação dos metalúrgicos da GM e o ato em Itabira.

A parte final denunciou a agressão de Israel. O partido comparou Gaza ao gueto de Varsóvia e dedicou o programa ao povo palestino. A repercussão foi grande. As visitas ao site foram recordes, assim como as filiações, após às 20h30. Foi um dos mais vistos também na internet, no Youtube. Cerca de 150 mensagens foram recebidas. Muitas elogiando, mas parte defende Israel, acusando o PSTU até de "terrorista". Veja abaixo:

Carlos Latuff (cartunista, Rio de Janeiro)
Amigos, lhes escrevo para dizer que estes minutos finais do programa do PSTU na TV marejaram meus olhos e me deixaram engasgado. Sobrepor as imagens do Holocausto nazista e o massacre de civis em Gaza, em canal aberto, é algo que demanda coragem. Sei que não posso falar em nome dos palestinos, mas posso agradecer por eles. Agradeço sua constante denúncia dos crimes de guerra do Estado de Israel.
Obrigado de todo coração.
Um abraço fraterno

Pablo Pedroso (no blog Molotov)
Não sou filiado ao PSTU, porém como um simpatizante a causa comunista, gostei muito da visão que mostraram no programa da televisão. São poucos que hoje em dia que podem denunciar de maneira forte, incisiva, as arbitrariedades dos israelenses e também sobre o estado terminal em que se encontra o capitalismo e a decreptude dos defensores do mercado especulativo, amantes da exploração dos povos pobres.
Parabéns ao PSTU pela coragem!
Continuem sendo a resistência socialista que tanto precisa existir nesse país.

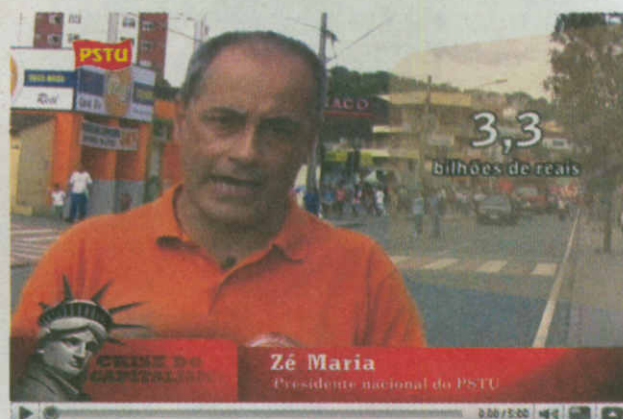
Bruna Ravanhane (por e-mail)
Gostaria de lhes parabenizar pelo excelente programa que criaram e pela iniciativa que tomaram. Concordo com o que falam no programa, pois também não concordo com a atitude das empresas estarem despedindo seus empregados, pela situação da crise, causada pela ganância, e pela força do capitalismo, e quem paga por isso, como sempre, claro, são os mais humildes, os pobres.

Carlos Alberto Soares (por e-mail)
(...) Em uma linguagem simples e bem dirigida, o PSTU cumpriu sua tarefa enquanto partido socialista, ao levar às massas a realidade sobre a atual crise financeira, contextualizando-a dentro da vida dos próprios trabalhadores.
Foi simples, direto e prático: sem intelectualismos e teoricismos que não eram, neste momento, essenciais para o chamamento às massas trabalhadoras.
É um contraponto fundamental em um tempo onde todos os telejornais vomitam diariamente cenas de "trabalhadores" que balbuciam confusamente o discurso patronal de que "é melhor perder salários e direitos do que o emprego de vez". (...)

Giambatista Brito (Fortaleza-CE)
Parabéns pelo programa de TV. Fantástico. Possivelmente o melhor de nossos 15 anos.

Geraldo Jr e Neli Braga (Barra do Piraí-RJ)
(...) Enquanto negros, sentimo-nos contemplados quando o discurso apontou, também por imagens, que os primeiros e os mais atingidos pela crise são e serão os negros. Contra o capitalismo e contra o racismo que lhe é estrutural.

Lucy Miranda (SJdosCampos-SP)
Parabenizo o PSTU pela matéria em horário nobre. Sei das dificuldades de vcs, na área financeira. Foi o único partido que se posicionou em relação às demissões. Comecei minha militância na CS, quando tinha 21 anos.... tenho 50 anos, e me dá muito orgulho da minha origem política quando vejo esses posicionamentos.

Julio Ayres (Poços de Caldas-MG)
Vocês do PSTU não foram nada felizes ao apoiar os palestinos dessa forma assim tão forte. Acaso são favoráveis aos terroristas? O Hammas são declarados por eles mesmos terroristas e são tão ingênuos ao ponto de querer enfrentar Israel que possui armas poderosíssimas com foguetes sem direção que são lançados a esmo. O Hammas foi quem começou tudo isso, tentando expulsar os israelenses de sua própria Pátria. (...)

Flavio (Santos-SP)
Lamentável o programa político de hoje. Chega a ser ridículo: empresas demitem porque tem esse direito. Quanto ao apoio aos terroristas palestinos, vocês se merecem. (...)
God bless America and Israel forever.

Roberto Portella (Osasco-SP)
Queria dar os meus parabéns pelo programa que assisti na TV, em relação a invasão judaica na Faixa de Gaza, comparando os judeus aos nazistas. Holocausto em Gaza. Maravilhoso, até que enfim alguém teve peito neste país.

Ahlam Nader Samhan (Porto Alegre-RS)
Em nome da minha família palestina e em nome do povo palestino, agradecemos de coração a mensagem coloca na mídia a respeito do massacre que está acontecendo na Faixa de Gaza, um território único e reconhecido como de nós, palestinos. (...)
Parabéns PSTU.
Um fraterno abraço

Perdeu o programa?
Acesse nossa página no Youtube, veja e comente.
www.youtube.com/portaldopstu

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: *opiniao@pstu.org.br*

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Carol Rodrigues **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 *assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas*

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br
livraria@pstu.org.br
internacional@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1º andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil)
(96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3321-5157 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)-CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1º and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência)
(62) 3224-0616 / 8442-6126
goiania@pstu.org.br

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Rua 1º de Queluz, casa nº 134
São Braz- (91) 3276-44932

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1º andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br*
(21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Av. Paulo de Frontim, 128- sala 301 - Bairro Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250
(84) 3201-1558
ZONA NORTE - Rua Campo Maior, 16 Centro Comercial do Panatis II
CENTRO Rua Vigário Bartolomeu, nº 281-B

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166
santamaria@pstu.org.br

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831
floripa@pstu.org.br
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696
agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br*
www.pstusp.org.br
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves nº6-62 - Centro - (14) 227-0215
bauru@pstu.org.br
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho
edcosta16@itelefonica.com.br
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro
(11) 6441-0253
guarulhos@pstu.org.br
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186*
saobernardo@pstu.org.br
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
sjc@pstu.org.br
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b
Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530
aracaju@pstu.org.br

EDITORIAL

UM OUTRO MUNDO SOCIALISTA É POSSÍVEL

Dezenas de milhares de pessoas de todo o mundo, presentes no Fórum Social Mundial em Belém, têm de encarar os reflexos da crise econômica no mundo. Nenhuma das discussões a serem realizadas pode deixar de levar em conta a recessão internacional que se alastra e pode se transformar em uma depressão, semelhante à de 1929.

A gravidade da crise joga por terra as ideologias da superioridade do livre mercado que se difundiram com o neoliberalismo. O capitalismo mostra sua face: US$ 8 trilhões dos governos de todo o mundo para salvar os bancos e grandes empresas, dinheiro suficiente para acabar com a fome no planeta. Para os trabalhadores, nada. Só desemprego e miséria.

A arrogância dos que defendiam o "pensamento único" neoliberal, que o capitalismo tinha vencido definitivamente e que não existia alternativa por fora da globalização, agora vem abaixo.

Mas é hora também de ajustar contas com a ideologia que segue sendo o carro-chefe do Fórum: "um outro mundo é possível", por dentro do capitalismo. *"É verdade que o neoliberalismo é ruim, mas por que se arriscar em revoluções se é possível chegar a um outro mundo por dentro do capitalismo?"*

A primeira edição do Fórum Social coincidiu com a posse de Lula. Na verdade, os dois fenômenos estavam associados. Existia a esperança de que estes governos de "centro-esquerda" pudessem mudar o mundo. Hoje a experiência está feita. Lula é mais um governo neoliberal, a serviço das multinacionais e grandes bancos. Não existe um novo Brasil com o governo Lula. É o mesmo país com trabalhadores vivendo na miséria, sob controle do grande capital, com governos corruptos e burgueses.

Na primeira edição do Fórum, havia esperança na posse de Lula, mas hoje a experiência do outro mundo sem acabar com o capitalismo está feita

Para deixar isso muito claro, o governo estadual petista do Pará está promovendo uma repressão violentíssima aos bairros pobres de Belém com o objetivo de "limpar" a cidade para o Fórum. Comunidades como Terra Firme e Guariba estão ocupadas pela polícia, com partidas de futebol proibidas e bares tendo de fechar às 22 horas. Os bairros ricos não têm nada disso. Os moradores pobres de Belém olham para o "outro mundo" do Fórum como aquele dos turistas estrangeiros defendidos pela polícia.

A crise econômica não pode levar mais uma vez à conclusão de que "é preciso encontrar uma alternativa ao neoliberalismo". Pode ser que as grandes multinacionais, como produto final desta crise, para reerguer o capitalismo encontrem uma alternativa ao neoliberalismo que signifique um ataque ainda pior aos trabalhadores e povos do mundo.

Não é preciso mudar o neoliberalismo. É preciso acabar com o domínio das grandes empresas, acabar com o capitalismo. A crise econômica brutal que agora estamos começando a viver torna isso muito mais presente.

O mundo está mudando. Sob o impacto crescente da crise, começam a surgir novas e graves crises políticas. Vamos a rupturas, mudanças bruscas, saltos para frente ou para trás na situação política de cada país.

A clareza dos ativistas de vanguarda pode ajudar a dar uma perspectiva para as grandes lutas que vão se abrir. A rotina e a continuidade dos velhos chavões reformistas são travas a serem deixadas de lado.

A única alternativa realista é apostar na luta direta dos trabalhadores e retomar a estratégia do socialismo revolucionário. Um debate rico deve ser retomado sobre o programa socialista, o balanço do Leste Europeu e do stalinismo e a necessidade da afirmação de um novo estado com democracia operária.

A crise demonstra que um outro mundo socialista é possível... e necessário.

OPRESSÃO: CADA VEZ MAIS, UMA QUESTÃO DE CLASSE

***WILSON H. DA SILVA**, da redação*

Para muita gente, 2009 começou com sinais evidentes de que a luta contra a opressão deu importantes e decisivos passos. Obviamente, o maior "símbolo" dessa suposta mudança foi a chegada do primeiro negro à presidência dos Estados Unidos.

Um "símbolo" que, de fato, não pode ser menosprezado. Afinal, ninguém em sã consciência pode desconsiderar o impacto mundial provocado pela chegada de Barack Obama ao poder em um país que é a maior potência mundial. Além disso, tem seu passado marcado tanto pela segregação racial quanto por uma fantástica história de lutas contra o racismo e demais formas de opressão.

É essa história (juntamente com a inegável satisfação causada pela derrota de George W. Bush) que alimenta as ilusões e expectativas dos milhões que, mundo afora, acompanharam a posse de Obama aos berros de "Sim, nós podemos!". Para muita gente a eleição do novo presidente norte-americano é vista como uma vitória de todos aqueles que, até hoje, não puderam realizar seus sonhos.

Não por acaso, a maioria dos que depositam esperanças em Obama são jovens, mulheres, negros, homossexuais, migrantes, trabalhadores e membros da classe média. Gente que facilmente se identifica com a figura jovem, simpática, negra e "liberal" de Obama.

Nós, do **PSTU**, há muito declaramos que não estamos nesta barca. Obama, como tantos outros que pipocaram na América Latina nos últimos anos, é apenas um "novo rosto" para as velhas políticas imperialistas.

Mesmo que varra parte do ultra-conservadorismo que marcou a era Bush, Obama jamais irá tocar na raiz do sistema que promove e se beneficia do racismo, do machismo e da homofobia.

SÍMBOLOS DO QUÊ? PARA QUEM?

Mesmo entre os mais críticos, há quem diga que a simples "simbologia" que envolve a chegada de um negro ao poder nos EUA é uma vitória inquestionável contra o racismo e toda forma de preconceito. Não é nossa opinião. Até mesmo porque não acreditamos que "*símbolos façam a história*", e sim o contrário.

Aqui na América Latina, figuras como Obama já são velhas conhecidas. Como "primos pobres" do presidente dos EUA, Lula, Chávez (Venezuela), Evo Morales (Bolívia), Tabaré Vázquez (Uruguai) e Fernando Lugo (Paraguai) também chegaram ao poder prometendo mudanças.

Como o presidente norte-americano, eles apóiam-se em sua origem (indígena, popular ou operária) para ganhar a simpatia e alimentar as ilusões da população. Contudo, todos sabemos que a história tem sido bem diferente dos "simbolismos" construídos ao redor desses senhores.

Do ponto de vista da luta contra a opressão, apesar de muito "blá-blá-blá" e de algumas migalhas, o racismo, a homofobia e o machismo continuam vitimando milhões.

Apesar disso, há muito tempo as principais organizações dos movimentos negro, feminista e LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) se apresentam como "parceiras" desses governos. Ao invés de organizar suas bases para a luta, passaram a adotar uma postura de "assessores" deles.

Exemplo lamentável dessa postura é o caráter festivo e completamente despolitizado dos principais eventos dos movimentos contra a opressão. O que temos visto, salvo raras e honrosas exceções, é uma extensão do clima "carnavalesco" que há tempos caracteriza a Parada do Orgulho Gay (28 de junho), contaminando tanto o 8 de março quanto o 20 de novembro.

Enquanto isso, negros e negras continuam sendo a maioria em todos os índices sociais negativos. Mulheres são assassinadas cotidianamente em episódios machistas ou morrem em função de abortos clandestinos. A violência homofóbica não pára de fazer vítimas.

A chegada de Obama ao poder, pelo menos neste momento, certamente irá aumentar essa tendência. A experiência da população negra com Obama virá com as dolorosas conseqüências da crise econômica. A situação da população negra vai piorar. A crise econômica sempre afeta em primeiro lugar os setores mais oprimidos, como as mulheres e o povo negro. Na Europa, os governos já intensificaram a perseguição aos imigrantes. O certo é que só há uma saída: a organização independente, classista e revolucionária daqueles que realmente querem derrotar a opressão.

UNIDADE DE CLASSE CONTRA A OPRESSÃO

Essa certeza continuará sendo a marca registrada de nossa atuação na luta contra a opressão, através de nossas secretarias ou nos grupos de trabalho da Conlutas (que nesta edição do Fórum Social Mundial estarão realizando plenárias e reuniões).

É para essa luta que queremos convidar todos os que entendem que o combate ao machismo, ao racismo e à homofobia deve voltar-se obrigatoriamente contra o sistema que deles se beneficia. Queremos organizar negros e negras, gays, lésbicas, jovens e mulheres no interior de seus sindicatos e entidades para que juntos, em aliança estreita com os demais setores da classe trabalhadora, possamos de fato construir uma luta conseqüente contra a opressão.

Uma luta e uma história que de forma alguma terão em Obama um de seus "símbolos". Nossos exemplos são outros.

A mudança que queremos é aquela apontada pela rebelião de Stonewall que, há exatos 40 anos, levou para as ruas a luta LGBT, de forma radical e combativa. Nosso símbolo continua sendo o punho cerrado dos Panteras Negras e de Malcolm X, que compreenderam que "não há capitalismo sem racismo". E, assim como Lênin, continuamos acreditando que a completa emancipação da mulher virá com o fim do capital e é fundamental para construir uma sociedade realmente livre.

TROTSKY E A CRISE DA ECONOMIA MUNDIAL

A Editora José Luís e Rosa Sundermann acaba de lançar o livro O IMPERIALISMO E A CRISE DA ECONOMIA MUNDIAL, coletânea de textos de Leon Trotsky sobre a transição entre Inglaterra e EUA na hierarquia imperialista e sua relação com a crise econômica de 1929 e a luta de classes

O IMPERIALISMO E A CRISE DA ECONOMIA MUNDIAL
TEXTOS SOBRE A CRISE DE 1929
TROTSKY
SUNDERMANN

O Imperialismo e a crise da economia mundial.
Textos sobre a crise de 1929
Leon Trotsky
190 páginas – 14,5cm X 21,5cm

Venda online:
www.editorasundermann.com.br
Preço: R$ 22

JOÃO RICARDO SOARES,
da Editora Sundermann

O capitalismo forjou uma hierarquia entre os Estados cuja base econômica foi aprisionada por uma férrea divisão mundial do trabalho. No topo desta divisão estão os países imperialistas, que concentram a indústria mais avançada e exploram a maioria absoluta dos países do mundo.

Na esteira da exploração econômica estão a subjugação política e o poder militar, que mantêm o sistema, não somente econômico. O poder das armas também define o lugar que cada país pode ocupar neste sistema macabro onde o capital é acumulado.

Os Estados Unidos ocupam hoje o centro econômico político e militar deste sistema de Estados, mas nem sempre foi assim. Depois da Segunda Guerra Mundial, os EUA substituem a Inglaterra como o país mais poderoso do mundo. Esta transição tem como pano de fundo uma feroz luta entre as classes e setores de classes. O resultado foram duas guerras mundiais, a construção da URSS e, posteriormente, a expropriação da burguesia em um terço da humanidade.

A crise da ordem mundial controlada pela Inglaterra foi o critério utilizado para a seleção dos textos de Trotsky reunidos no livro "O Imperialismo e a crise da Economia Mundial". O seu fio condutor é a contradição ressaltada por Trotsky entre a manutenção da hegemonia imperialista da Inglaterra sobre o planeta e sua decadência econômica.

REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO

A sequência inicial dos textos vai de 1921 a 1926. O debate se concentra em torno do boom da economia mundial depois da grande destruição causada pela Primeira Guerra (1914-1918). Nestes textos vale ressaltar o método com o qual Trotsky estabeleceu sua análise sobre este período. Este foi o nosso objetivo ao incluir o debate anterior à crise de 1929, na medida em que a análise da situação mundial determinava para os revolucionários de então estabelecer as perspectivas mais gerais da economia e da luta de classes.

(...) A questão básica não se resolve calculando a produção, mas por meio de uma análise dos antagonismos econômicos. O miolo da questão é este: Os Estados Unidos e, em parte o Japão, estão empurrando a Europa a um beco sem saída, não estão deixando nenhum mercado para suas forças produtivas, que foram somente em parte rejuvenescidas durante a guerra. (...) ao empurrar os europeus mais e mais para uma franja estreita do mercado, os Estados Unidos estão preparando atualmente um novo deterioro sem precedentes das relações internacionais, tanto entre os Estados Unidos e Europa como dentro da mesma Europa. Mas na etapa atual do desenvolvimento, os EUA estão conseguindo um conjunto de objetivos imperialistas por vias "pacíficas", quase "filantrópicas". (sublinhado nosso - "Sobre a Questão da estabilização da economia mundial".)

> **O QUE TROTSKY destaca nos textos sobre a Grande Depressão dos anos 30 é que a palavra de ordem do mundo inteiro para os norte-americanos foi a saída política para superar a crise**

Desta forma, para Trotsky, a análise dos ciclos econômicos, tanto no que se refere aos períodos de estabilidade como os de crise, deve estar dentro de um marco mundial determinado. Assim, ao tomar como critério os antagonismos econômicos entre os Estados imperialistas, que não tinham sido completamente resolvidos com a carnificina da Primeira Guerra Mundial, Trotsky foi capaz de estabelecer quais as contradições fundamentais que se acumulavam para o desenlace da próxima crise.

E este processo estava determinado pelo fato de que os imperialismos europeus seguiam sendo empurrados para um beco sem saída. Um processo cada vez mais grave por causa da longa agonia do imperialismo inglês, que perdia o controle do mercado mundial para um novo e pujante concorrente, os Estados Unidos.

A nova realidade econômica sob a qual se desenvolvia a luta de classes à escala mundial expressava então uma profunda contradição entre o poderio econômico dos Estados Unidos e o seu peso político.

Por isso, quando explode a crise econômica de 1929, Trotsky segue utilizando a mesma ferramenta teórica que lhe permitiu vários anos antes antecipar a dinâmica da Revolução Russa e depois da revolução mundial: a contradição entre o desenvolvimento das forças produtivas e os Estados nacionais. Observando o desatar da mais profunda crise econômica do capitalismo no século 20, Trotsky conclui, em 1931:

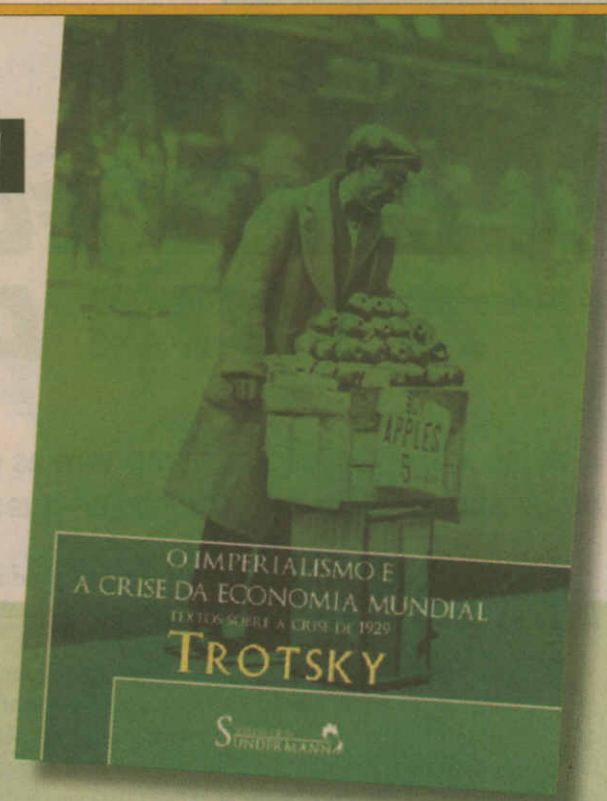
As bases materiais dos EUA não têm precedentes. Sua preponderância potencial no mercado mundial é superior à preponderância real da Inglaterra no período de apogeu de sua hegemonia mundial... Esta energia potencial se transformará inevitavelmente em energia cinética, e algum dia o mundo será testemunha de uma grande explosão da agressividade iaque em todos os cantos do planeta. O historiador do futuro escreverá em seus livros: "A famosa crise de 1930 dividiu a história dos Estados Unidos em um sentido que suscitou uma transformação de orientação nos objetivos espirituais e materiais de tal magnitude que a velha Doutrina Monroe, 'A América para os Americanos', foi superada pela nova doutrina, 'O mundo inteiro para os norte-americanos'. (Entrevista concedida ao Manchester Guardian, fevereiro de 1931).

A profundidade da crise de 1929, que oficialmente duraria até 1941, somente encontra uma saída quando a produção industrial dos Estados Unidos se converte em uma máquina de guerra. As forças produtivas da América do Norte se convertem em seu oposto, em forças destrutivas. As novas mercadorias produzidas – bombas e armas – encontram o novo mercado aberto pelo imperialismo alemão, que estava em um beco sem saída e também buscou resolver sua crise convertendo sua indústria em uma máquina de guerra.

Assim, o que Trotsky destaca nos textos sobre a Grande Depressão dos anos 30 é que a palavra de ordem de "o mundo inteiro para os norte-americanos" foi a saída política para superar a crise econômica. Sua análise da crise econômica buscava identificar então o fato de que o antagonismo entre Europa e Estados Unidos não resultaria em uma solução pacífica para a crise. O peso econômico dos EUA exigia nada menos do que o controle do mercado mundial e uma nova localização deste país na hierarquia dos Estados. Sem esta solução política não haveria solução econômica.

A crise econômica atual vem acompanhada também de uma profunda crise política que agora Obama tentará superar. A estratégia de Bush para o Novo Século Americano foi enterrada nas areias do Iraque, mas os EUA souberam alternar os Bushs e os Obamas em sua história, da conquista pacífica do mercado mundial, quase "filantrópica", como ressalta Trotsky, ao genocídio de Hiroshima, Nagasaki, Vietnã e Iraque.

A crise da economia mundial que agora presenciamos, ao estar concentrada nos centros imperialistas, abre um importante debate que vai além das perspectivas estritamente econômicas. Em que medida esta crise afetará o poder e o controle dos Estados Unidos do atual sistema mundial de Estados? Estaríamos diante de transformações profundas na ordem mundial? Estaria se modificando o teatro em que o drama da nossa época, em que a revolução e a contra-revolução se desenvolvem?

Os textos que compõem "O Imperialismo e a crise da economia mundial" não podem substituir a análise da crise atual, que tem sua própria combinação de fatores. No entanto, podemos encontrar em Trotsky um marco teórico e metodológico que ajude a fazer as perguntas corretas para compreender a crise que se inicia.

A CRISE ECONÔMICA MUNDIAL E A LUTA DE CLASSES

A CRISE ATUAL DO CAPITALISMO tem as características clássicas de superprodução: queda na taxa de lucros das grandes empresas e índices gigantescos de queda na produção, aproximando a economia de uma depressão

EDUARDO ALMEIDA,
da direção nacional do PSTU

Ao contrário das previsões dos propagandistas do capitalismo, a crise econômica internacional só faz crescer. Não se trata de um problema conjuntural, mas de um episódio histórico qualitativo, uma crise que reverte todo um período de crescimento. A globalização, que marcou o mundo com seus planos neoliberais nos últimos trinta anos, entrou em xeque. O capitalismo mostra sua face real em uma crise que joga por terra suas ideologias.

São ridículas neste sentido as expectativas que estão sendo difundidas de uma recuperação rápida, que viria já no segundo trimestre de 2009 pelas mãos de Barack Obama. A crise vai se aprofundar seguramente durante todo o ano de 2009.

A crise atual tem as características clássicas de superprodução das crises do capitalismo. O que marca seu ritmo e profundidade é a queda na taxa de lucros das grandes empresas multinacionais, em particular da indústria norte-americana, o coração do imperialismo. Essa taxa de lucros está desabando, e esse é o motivo pelo qual são completamente infrutíferas as tentativas dos governos de evitar a crise por meio de injeção de dinheiro nos bancos.

POR QUE A CRISE ESTÁ SE APROXIMANDO DE UMA DEPRESSÃO

A dimensão da crise é catastrófica. Primeiro vejamos os dados da realidade. A situação do setor automobilístico norte-americano é ilustrativa: a previsão é que as vendas em 2008 tenham sido as menores em 27 anos. A queda na produção de bens duráveis no último trimestre de 2008 nos EUA foi de 16,2%.

Não se trata de um fenômeno restrito ao mercado norte-americano. Existe uma recessão também no Japão e na Europa. A japonesa Toyota, hoje a maior produtora de automóveis do mundo, teve em 2008 o primeiro prejuízo de sua história. Segundo o JP Morgan, a queda na produção industrial mundial em dezembro esteve entre 12% e 15%.

Estes não são números de uma recessão "normal". Segundo o economista José Martins, *"no ciclo atual a queda do primeiro trimestre do seu período de crise foi cinco vezes mais profunda que o trimestre correspondente do último período de crise. Enquanto o quarto trimestre de 2001 registrou queda de 2,9%, o quarto trimestre de 2008 registrou queda de 16,2%."*

Estamos perante uma crise cíclica de superprodução agravada por alguns fatores chave. Vamos citar dois deles: a quebra financeira e o que podemos chamar de consequências do parasitismo imperialista.

A quebra financeira já é de conhecimento de todos. Os analistas superficiais inclusive tendem a centrar nela a explicação da crise, se equivocando completamente. Caso isso fosse verdade, alguma recuperação teria vindo da injeção recorde de US$ 8 trilhões dos governos nos bancos.

Mas a crise financeira, se não determina a evolução da economia como um todo, ajuda a explicar a gravidade da crise. Por um lado, os enormes prejuízos financeiros se estenderam a todas as grandes empresas. Por outro, existe hoje um bloqueio no crédito para a produção e o consumo que agrava muito a crise de superprodução.

Outro elemento tem também enorme importância. Os EUA, por serem a única superpotência hegemônica, conseguiram manter uma condição que esconde artificial e parasitariamente a decadência de sua economia. Trata-se do país mais endividado do mundo, sobrevivendo graças à injeção diária de US$ 2 a US$ 3 bilhões, que sustenta um brutal déficit comercial e fiscal. As empresas e famílias também estão endividadas em um grau gigantesco. Ampliou-se artificialmente o mercado através de um crédito abusivo. Isso, que poderia aumentar o crescimento com características parasitárias e especulativas, cobra seu preço no momento da crise, agora puxando para baixo.

Esses fatores (entre outros) agravam a crise cíclica. Por isso estamos vendo índices gigantescos de queda na produção, que se aproximam aos de uma depressão. As opções reais que existem são de uma depressão semelhante ou pior que a de 1929 (com quedas de 15%-20% nos países centrais) ou uma recessão severa que abra uma sucessão de ciclos econômicos com períodos de crescimento mais curtos e crises maiores.

O que nos ensina a história

Uma crise dessas proporções não poderia deixar de ter efeitos profundos sobre a situação política mundial. E isso já está ocorrendo.

A eleição de Obama comprova o barril de pólvora em que os EUA estão se tornando

Podemos aprender com o passado. Os dois períodos do século 20 que podemos associar ao que está começando agora são o final da década de 20, os anos 30 (incluindo a depressão de 1929) e o período que sucedeu ao fim do boom do pós-guerra, do fim dos anos 60 até a crise de 1979-1982.

Ambos foram períodos de fortes convulsões sociais, de revoluções e contra-revoluções. Os anos 30 foram marcados pelas revoluções francesa e espanhola, assim como pelo último grande ascenso operário nos EUA. A derrota dessas revoluções pela traição do stalinismo abriu o caminho para a contra-revolução nazi-fascista.

Os anos que seguiram ao final do boom econômico do pós-guerra foram marcados pelo grande ascenso revolucionário de 1968, que incluiu grandes levantes derrotados como o Maio de 68 francês e a revolução portuguesa de 1974, mais uma vez contando com a colaboração fundamental do stalinismo. Ocorreram tentativas de revolução política na Tchecoslováquia e na Polônia, esmagadas pelos tanques russos do stalinismo. Inclui também a primeira derrota militar do imperialismo norte-americano no Vietnã, que gerou a última revolução socialista vitoriosa.

O que a história nos ensina não levaria a uma visão mecânica: "crise é igual a revolução". Nem sempre as crises são parteiras de revoluções e muito menos de revoluções vitoriosas. Mas, por outro lado, não há revoluções sem crises. O que se abre agora é um período marcado por uma crescente polarização social e política, com viradas bruscas e muita instabilidade.

Basta ver que a crise já gerou uma nova realidade, muito difícil de ser prevista há alguns anos. A eleição de um negro nos EUA é um símbolo histórico. Um país dominado pela burguesia mais contra-revolucionária do planeta, com a base mais importante do imperialismo e seu aparato militar atômico, elegeu Obama para presidente. Evidentemente se trata de uma manobra preventiva da burguesia dos EUA para trocar uma face desgastada como Bush pelo sorriso de uma figura identificada com os setores oprimidos. Obama vai aplicar a política dessa burguesia com mais possibilidades de êxito que um McCain, uma réplica ainda piorada de Bush. Mas é um fato inédito na história, que só pode ser explicado pelo barril de pólvora em que os EUA estão se transformando pelas consequências sociais desta crise.

COMO OS TRABALHADORES DO MUNDO VÃO REAGIR?

Ato dos trabalhadores da Nissan em Barcelona ...

... protestam contra as demissões...

... e queimam o caixão do vice presidente da empresa.

(Fila de agência de empregos em Nova York, EUA)

... com o aumento do desemprego...

(Despejo no Texas, EUA)

... dos desabrigados ...

(Bolsa de Nova York, EUA)

... e com os piores índices econômicos dos últimos anos

A chave da evolução da nova situação política internacional é saber como vão reagir os trabalhadores à crise econômica.

Leon Trotsky, falando sobre as grandes crises da década de 20, dava pistas sobre o tema: *"Essa circunstância reforça nossa convicção de que os efeitos de uma crise sobre o curso do movimento operário não são tão unilaterais como certos simplistas imaginam. Os efeitos políticos de uma crise (não só a extensão de sua influência mas também sua direção) estão determinados pelo conjunto da situação política existente e por aqueles acontecimentos que precedem e acompanham a crise, especialmente as batalhas, os êxitos ou fracassos da própria classe trabalhadora anteriores à crise. Sob um conjunto de condições, a crise pode dar um poderoso impulso à atividade revolucionária das massas trabalhadoras; sob um conjunto diferente de circunstâncias, pode paralisar completamente a ofensiva do proletariado e, em caso de que a crise dure demasiado e os trabalhadores sofram demasiadas perdas, poderia debilitar extremadamente, não só o potencial ofensivo, como também o defensivo da classe."*

Não existe, portanto uma determinação prévia que assegure uma evolução ou outra como consequência automática da crise. É preciso avaliar as condições concretas em que os trabalhadores chegam ao atual momento, assim como as tendências demonstradas por suas lutas iniciais.

O primeiro elemento a ser destacado é objetivo: o proletariado se fortaleceu socialmente como classe no último período de crescimento econômico. Não estamos vivendo a década de 90, na qual houve uma diminuição importante do peso numérico e social do proletariado. Por exemplo, no Brasil, o número de metalúrgicos caiu na década de 90 para menos da metade dos anos 80. Desde o início deste século esse setor vem se recuperando, estando hoje 40% maior que no final da década passada. Não se recompôs o número da década de 80, mas é fato que o proletariado brasileiro se ampliou e fortaleceu numericamente.

Novas regiões industriais se formaram, novas fábricas foram instaladas. Apesar de ser um processo extremamente desigual, isso ocorreu em vários países. Para dar alguns exemplos, aconteceu na Argentina e em boa parte da América Central, assim como na China. Isso tem enorme importância porque, se estivéssemos na situação da década de 90, com diminuição do proletariado e seguidas derrotas, a tendência seria de fracasso. Agora já ocorrem lutas, como as dos operários da Nissan na Espanha, a ocupação de uma fábrica de janelas e portas em Chicago, nos EUA, a luta dos metalúrgicos da GM e dos mineiros da Vale em Itabira e Congonhas.

Ainda como elemento muito progressivo, desapareceu o aparelho stalinista mundial, fundamental para a derrota das revoluções, como vimos nos exemplos das décadas de 1920-1930 e nas de 1960-1980.

Por outro lado, as correntes revolucionárias ainda são muito minoritárias. O peso dos aparatos reformistas social-democratas, como o PT, ainda é muito grande, assim como das direções nacionalistas burguesas, como Hugo Chávez e os aparatos stalinistas que sobraram.

O peso das burocracias sindicais reformistas é enorme. O ascenso de governos de frente popular e nacionalistas burguesas na América Latina potencializou o fortalecimento material dessas burocracias com o aproveitamento do aparato de estado. Por outro lado, facilitou o surgimento de novas direções, como a Conlutas, no Brasil; Batalha Operária, no Haiti; Tendência Classista Combativa, no Uruguai; Mesa Coordenadora Sindical, no Paraguai; Corrente Classista Unitária Revolucionária Autônoma (C-CURA), na Venezuela.

Houve uma enorme confusão ideológica com a queda das ditaduras do Leste Europeu, sem que se tenha estabelecido uma alternativa socialista de alternativa. As ideologias capitalistas estão vindo abaixo com essa crise, mas ainda sobram grandes dúvidas se há ou não possibilidades reais de concretizar uma nova experiência socialista.

O proletariado chega a esta crise mais fortalecido socialmente que no fim do século passado. Sem o peso do aparato stalinista nas costas, mas com uma enorme confusão ideológica e grandes ilusões em novos setores reformistas. Isso pode favorecer grandes derrotas, como ensinam as experiências das revoluções passadas.

A possibilidade de conseguir chegar a novas revoluções vitoriosas se resume então a responder a duas perguntas-chave: o proletariado se lançará em grandes lutas revolucionárias? Irá reconstruir nessas lutas uma direção revolucionária de massas?

O **PSTU** se considera, como partido revolucionário, um ponto de apoio para o desenvolvimento de uma direção revolucionária no país, como projeto para unificar distintos grupos e correntes com a mesma estratégia. Com o mesmo conteúdo, a **Liga Internacional dos Trabalhadores** busca unificar as correntes revolucionárias que estejam de acordo com um programa a reconstruir a Quarta Internacional.

O que se pode afirmar agora é que o momento dos grandes enfrentamentos se aproxima. Os prazos para a construção de direções revolucionárias se encurtam. As batalhas decisivas se aproximam.

A crise chegou e a conjuntura começa a mudar

A realidade - com 1,5 milhão de demissões - derrubou o discurso do governo e o otimismo pregado no final de 2008. Os trabalhadores começam a tomar consciência da gravidade da crise

***DIEGO CRUZ**, da redação*

A crise econômica internacional chegou com tudo ao Brasil. O forte baque sofrido pela economia nacional joga definitivamente por terra a tese do descolamento e a sua atualização, a "marolinha" de Lula. Ninguém mais acredita na possibilidade de a crise apenas esbarrar no país e passar sem causar grandes danos. Os estragos já são sentidos.

A produção industrial sofreu uma forte queda nos últimos meses do ano. Em novembro, já havia caído 5,2% em relação a outubro. Os dados de dezembro ainda não foram divulgados, mas o setor de ponta, as montadoras de automóveis, teve uma queda histórica de 47,1%, segundo a Anfavea. A *Folha de S. Paulo* informa a expectativa de queda do conjunto da indústria de 7,1% em dezembro.

O conjunto da produção já está caindo. As previsões de queda do PIB no último trimestre de 2008 variam de 1,3% (Sul América Investimentos) a 4,6% (JP Morgan). E todos avaliam que a tendência é piorar neste primeiro trimestre de 2009. Isso levaria, com dois trimestres sucessivos de queda no PIB, a chegar à definição de uma recessão no país. Assim, é provável que já estejamos vivendo uma recessão desde o final do ano passado. Algo muito distante do delírio do governo, que previu um crescimento de 4% em 2009.

DEMISSÕES RECORDES

As demissões em massa já são realidade no país. No fim de 2008, a Vale tomava a dianteira e anunciava 1.300 demissões. Já no novo ano, a GM demitia 802 metalúrgicos em São José dos Campos (SP) e fazia acender a luz vermelha das demissões.

O Ministério do Trabalho divulgou no dia 19 de janeiro o quadro do emprego em dezembro passado. Os números surpreendem, revelando um triste recorde na extinção de empregos no período. Só em dezembro, mais de 1,5 milhão de trabalhadores com carteira assinada foram mandados embora. São exatos 1.542.245 que terminaram 2008 desempregados, segundo dados do Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados).

Outros 887.299 foram contratados em dezembro. Assim, o saldo mostra que desapareceram 655 mil postos de trabalho nos últimos 30 dias do ano. Um recorde, superando até mesmo o número de empregos extintos nos EUA, centro da crise mundial e que vive os efeitos de uma recessão há mais de um ano.

As demissões ocorrem principalmente na indústria. Só no

É provável que já estejamos em uma recessão desde o final do ano passado

setor foram 390 mil demitidos em dezembro. Como as admissões somaram apenas 117 mil, foram extintas 273 mil vagas de emprego. A construção civil, outro setor que garantiu o aquecimento econômico dos últimos anos, extinguiu nada menos que 82 mil empregos.

CONSCIÊNCIA DOS TRABALHADORES COMEÇA A MUDAR

Até o fim do ano, os trabalhadores vinham acreditando no discurso do governo de que a crise passaria longe do país. As pesquisas ainda indicavam que o povo brasileiro acreditava que em 2009 sua vida iria melhorar. As demissões começam a transformar essa realidade.

Como as demissões atingem a maioria dos setores e regiões, a percepção da crise se generaliza. No entanto, ainda estamos no início dela, e por isso ainda existem muitas desigualdades de categoria para categoria e de região para região. Mas já se pode sentir, em particular nas regiões operárias, uma mudança. Os trabalhadores estão apreensivos, desconfiados, preocupados. Muitos já têm familiares ou vizinhos demitidos, quando não são eles mesmos. Já não existe mais o clima de confiança do passado.

No entanto, a ilusão em relação ao governo segue. A desconfiança se concentra nas empresas, mas Lula ainda tem a popularidade, por sua origem e pelo crescimento econômico passado.

É inevitável que isso mude com a continuidade e o agravamento da crise, mas ainda é parte da realidade hoje. Os trabalhadores já estão vivendo uma crise econômica brutal, mas iludidos em relação ao governo, acreditando que Lula é um aliado.

AS DEMISSÕES EM DEZEMBRO

ILUSTRAÇÃO AMÂNCIO

1,5 milhão de demitidos

390 mil apenas na indústria

POR REGIÃO

Região	Demitidos
Norte	67.772
Centro-Oeste	131.945
Nordeste	165.847
Sul	283.625
Sudeste	893.056

Sudeste	Demitidos
MG	192.622
ES	33.299
RJ	110.202
SP	556.933

FONTE: Ministério do Trabalho / Caged (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados)

GRANDES EMPRESAS ATACAM OS DIREITOS TRABALHISTAS

Vale propõe licença e redução de salários para 19 mil pessoas em Minas Gerais e Mato Grosso do Sul

Além de acabar com milhares de empregos, os empresários promovem uma campanha contra os direitos e os salários. Exploram quando não há crise, e agora, quando existe uma crise causada por eles, querem explorar mais ainda.

Retomando o discurso surrado da década de 90, propõem flexibilização trabalhista (redução de direitos e salários) como forma de garantir os empregos. O presidente da Fiesp, Paulo Skaf, defendeu a redução da jornada de trabalho com redução salarial, como forma de enfrentar a crise. Mesmo assim, se recusou a discutir qualquer compromisso que envolva a garantia da estabilidade no emprego.

A CNI (Confederação Nacional de Indústria) fez coro e também defendeu a flexibilização dos direitos, como a suspensão temporária dos contratos de trabalho. Medida inclusive recém-adotada pela Vale. Pela proposta da empresa, os trabalhadores que aderirem à licença ficariam em casa até 31 de maio e receberiam apenas metade do salário e os benefícios, com o valor mínimo de R$ 856. Após 31 de maio, os empregos não estariam mais garantidos. A mineradora fez o ataque na mesma semana em que aumentava o repasse a seus acionistas, que vão receber US$ 2,5 bilhões.

Junto a isso, exigem ainda mais isenções e subsídios. O fato de que praticamente todos os setores que demitiram no último período receberam generosas ajudas do governo não impede que esta continue sendo uma das principais reivindicações do empresariado.

Levantamento da *Folha de S. Paulo* revela que os setores que mais receberam financiamentos do BNDES foram justamente os que mais demitiram, como o da alimentação, que recebeu R$ 8,6 bilhões em 2008 e que foi responsável, em dezembro, pelo fechamento de mais de 123 mil postos de trabalho.

Os setores que mais receberam financiamentos do BNDES foram os que mais demitiram

E O GOVERNO?

A crise pegou o país em cheio justo no momento em que o governo Lula goza de popularidade recorde. Para tentar se preservar, Lula foi obrigado a mudar seu discurso, reconhecendo a gravidade da situação. O governo não quer uma onda massiva de demissões que faça sua aprovação despencar, e fortaleça a oposição em 2010.

Os empresários, por outro lado, não esperam. Forçam as demissões e aproveitam a situação para rebaixar ao máximo os direitos e salários dos trabalhadores. Tal conflito de interesses imediatos gerou a recente discussão entre empresários e representantes do governo, principalmente o ministro do Trabalho, Carlos Lupi.

O ministro atacou as empresas que demitiram e chegou a ameaçar cortar subsídios a quem mandar embora. Skaf retrucou cinicamente, afirmando que *"desconhece empresa salva por dinheiro público"* e voltou a defender a redução de jornada.

Embora o governo Lula tente passar a ideia de que está ao lado dos trabalhadores nesta crise, suas medidas concretas só protegem as grandes empresas. Por que Lula, ao invés de dar bilhões aos banqueiros e grandes empresários, não decreta a estabilidade no emprego?

Na verdade, o governo não tem intenção de enfrentar a grande burguesia, com a qual se deu tão bem até agora. Faz algumas pressões de bastidores sobre as empresas, mas não assume nenhum enfrentamento real com elas. Utiliza os "setores diferentes do governo" para evitar definições, com Lupi fazendo discursos contra as empresas e outros aliviando.

A tendência geral é a de que a "preocupação" do governo com o desemprego seja base para o apoio aos acordos com as empresas de *"redução de direitos e salários para preservar os empregos"*. Mais uma vez, aqui se demonstra o caráter de classe burguês do governo Lula. Mesmo sabendo que as demissões massivas vão afetar seu próprio prestígio, o governo faz algumas pressões de bastidores, mas não vai a enfrentamentos reais com a burguesia e aplica o programa do grande capital.

SUBTRAÇÃO

OS TRABALHADORES IRÃO À LUTA?

A grande interrogação que existe no país é como os trabalhadores vão responder à crise. O desemprego provoca inevitavelmente uma insegurança entre os trabalhadores, que têm de garantir as necessidades básicas de suas famílias. As direções reformistas se apoiam exatamente nisso para impor os "acordos com a patronal", de redução de direitos e salários.

Trata-se de um golpe duro. Esses "acordos" são na verdade a pior das derrotas. A derrota sem luta, que desmoraliza e anuncia outras.

Depois de conseguido esse acordo, a patronal vai impor outros, cada vez mais duros, com a argumentação de que a crise piorou ou qualquer outra justificativa. E vai terminar, quase sempre, nas demissões.

As primeiras reações foram positivas, indicando uma disposição de luta, como nas mobilizações dirigidas pela Conlutas tanto na GM de São José dos Campos como em Itabira (*veja abaixo*). No ABC paulista, as manifestações dirigidas pela CUT tiveram um peso importante.

A crise vai aumentar, as demissões vão se generalizar. É inevitável que exista um aumento da insatisfação e da radicalização política. Mas o sinal mais importante do significado da conjuntura que está se abrindo será dado pela existência ou não de mobilizações dos trabalhadores em resposta aos ataques patronais.

Atos na GM e na Vale mostram caminho

***DIEGO CRUZ**, enviado especial a Itabira, e **LUCIANA CANDIDO**, do Portal do PSTU*

A Vale apresentou, no dia 21, uma proposta de licença remunerada a 19 mil funcionários. A empresa condicionou a garantia de emprego – até maio – à aceitação da licença, com redução de 50% do salário. Até o momento, cinco dos dez principais sindicatos aceitaram a proposta. Os sindicatos ligados à Conlutas não aderiram.

Valério Pereira, diretor do Sindicato Metabase de Congonhas, Ouro Preto e Região, diz que a licença remunerada é inaceitável. *"No mesmo dia que propôs a licença, a diretoria da Vale aprovou o repasse de US$ 2,5 bilhões para os acionistas, 25% a mais do que em 2008"*, justifica.

Os trabalhadores da Vale fizeram o primeiro protesto do ano contra as demissões no dia 8 de janeiro, na cidade de Itabira. Ali, onde nasceu a empresa, um grande ato reuniu mais de 2 mil pessoas. Foi organizado pelo sindicato Metabase, que representa os trabalhadores das minas e é filiado à Conlutas, e pela Frente em Defesa do Emprego, com apoio de sindicatos, associações, igrejas e partidos.

No dia 11 de fevereiro, haverá um ato em frente à sede da Vale, no Rio de Janeiro, com trabalhadores de todas as unidades. No dia 12 de fevereiro, será realizado um protesto em frente à Fiemg (Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais) contra as demissões e a flexibilização.

BRUNO KELLY / SINDMETALSJC

DIEGO CRUZ

Ato em Itabira (MG). No alto, protesto na portaria da GM

EM SÃO JOSÉ, 3 MIL NA RUA

A General Motors começou o ano demitindo 802 trabalhadores, após as férias coletivas. A reação do sindicato foi imediata, com assembléias, protestos e uma escalada de paralisações. Na mesma semana, parou duas vezes a produção, por uma e duas horas. A GM demitiu um diretor, mas o sindicato e a Conlutas realizam uma forte campanha contra as demissões e a flexibilização de direitos.

A campanha organizou um ato nacional em São José dos Campos, na manhã do dia 24. Cerca de 3 mil pessoas, entre elas muitas famílias de metalúrgicos, se reuniram na Praça Afonso Pena, no centro, para dizer não às demissões e à redução de salários e direitos.

Além do Sindicato dos Metalúrgicos, participaram diversas entidades sindicais, estudantis e populares, Conlutas, Intersindical, PSTU, PSOL e parlamentares. Vivaldo Moreira, diretor do sindicato de São José e que concorre à presidência nas próximas eleições da entidade, lembrou a luta de 2008 contra o banco de horas. *"Se tivesse passado o banco de horas, a GM demitiria e permaneceria o banco de horas"*, disse. O Sindicato dos Metalúrgicos de Campinas estava representado pelo seu presidente, Jair dos Santos, da Intersindical.

Da praça os manifestantes seguiram em caminhada até o calçadão da Rua 7 de Setembro, chamando a atenção do comércio e da população.

Os metalúrgicos prometem ir em caravana a São Paulo no dia 12 de fevereiro, para um ato em frente à sede da Fiesp.

NA PÁGINA SEGUINTE
Uma polêmica com a CUT, Força e CTB: como deve ser a luta contra a crise?

DIEGO CRUZ

CONLUTAS PROPÕE LUTA UNIFICADA CONTRA AS DEMISSÕES

Passeata nas ruas de Itabira, MG

SUBSÍDIOS ÀS EMPRESAS E FLEXIBILIZAÇÃO DOS DIREITOS não garantem empregos, diz a Conlutas, que chama a CUT e a Força a um dia de greves e paralisações em março

***DIEGO CRUZ** e **EDUARDO ALMEIDA**,*
da redação

Em momentos como o que estamos vivendo, de mudança na conjuntura, um dos problemas fundamentais é o papel das direções sindicais. Elas podem se apoiar nesse ânimo inicial de luta para avançar um plano de lutas ou na insegurança para bloquear as mobilizações.

Lula vai tentar evitar as lutas, para que os trabalhadores fiquem paralisados, esperando que o governo resolva a crise. As direções da CUT e da Força Sindical são seus braços no movimento de massas.

Essas centrais tiveram que mudar seu discurso pelo agravamento da crise, exatamente como o governo. Se antes a CUT negava a gravidade da crise e orientava os trabalhadores a consumir, agora anuncia mobilizações e diz na imprensa que não aceita redução de direitos ou salários. O deputado federal Paulinho Pereira, presidente da Força Sindical e envolvido em denúncias de corrupção, negociava com a Fiesp a redução da jornada de trabalho com redução de salários, mas foi obrigado a recuar e interromper as negociações.

Pressionado pela base, a CUT reconhece a crise e impulsiona mobilizações contra as demissões. É seguida pelas demais centrais, como a CTB, central ligada ao PCdoB. No entanto, se o discurso e a prática mudaram, estariam essas centrais dando uma guinada à esquerda, adotando uma política de enfrentamento com o governo e os empresários? Infelizmente não.

> **O QUE AS CENTRAIS PROPÕEM é um programa capitalista, justamente o que o governo já vem fazendo e que não surtiu o menor efeito para evitar as demissões: mais isenção, mais subsídio**

QUAL O PROGRAMA PARA A CRISE? O DOS PATRÕES OU O DOS TRABALHADORES?

Essas centrais atacam as empresas que demitiram, mas poupam o governo Lula, adotam um programa capitalista e freiam as mobilizações.

Para elas, o governo vem "fazendo sua parte", ou seja, concedendo cada vez mais subsídios e isenções às empresas.

A fim de enfrentar os efeitos da crise, o que as centrais propõem é um programa capitalista, justamente o que o governo já vem fazendo e que não surtiu o menor efeito para evitar as demissões: mais isenção, mais subsídio. No entanto, como já vimos, os setores que mais receberam dinheiro do governo foram os que mais demitiram.

A indústria automobilística foi a primeira a receber ajuda do governo e uma das primeiras a realizar demissões em massa. Depois de terem ganho algo como R$ 8 bilhões de financiamento do governo federal e do governo de São Paulo, sem contar as linhas aprovadas por outros estados, as montadoras receberam a redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) em dezembro. Isso não impediu que substituíssem as férias coletivas por demissões, como as 802 na General Motors de São José dos Campos (SP), logo no início de janeiro.

Outro ponto considerado prioritário para CUT e Força Sindical é a redução das taxas de juros, a mesma reivindicação da Fiesp. Mas nos Estados Unidos hoje a taxa de juro é negativa (menor que a inflação), e as demissões estão se alastrando.

Ou seja, essas centrais defendem um programa para a crise igual ao do governo e semelhante aos das grandes empresas, que não resolve nenhum dos problemas dos trabalhadores.

E mesmo com relação à flexibilização dos direitos trabalhistas, a CUT discursa na TV que está contra, mas na base adota uma postura bem diferente. Na Volkswagen de Taubaté (SP), defendeu a proposta de redução da jornada de trabalho com a adoção do banco de horas. Mesmo com o representante da Volks afirmando na imprensa que o acordo não "garantiria o emprego".

Mais recentemente, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Sérgio Nobre, propôs durante reunião com Lula em Brasília a volta das Câmaras Setoriais dos anos 90, ou seja, espaços de negociação entre empregados e patrões destinados sempre a flexibilizar direitos.

Ou seja, a CUT e a Força Sindical estão fazendo mobilizações para se localizarem bem na base, mas vão buscar uma saída junto com os patrões. Já defendem o dinheiro do governo para as empresas e já começam a aplicar acordos para a redução de direitos, como em Taubaté.

Já está provado que a flexibilização trabalhista não evita ou diminui o desemprego. A Argentina, durante os governos Menem (1989-1999), aplicou a fundo essa política, e o desemprego dobrou. Foi isso o que ocorreu, também na indústria automobilística na década de 90, particularmente no ABC, com a aplicação do banco de horas e as câmaras setoriais.

Na Volkswagen de Taubaté, logo depois de a CUT fazer o acordo com banco de horas "para a manutenção dos empregos", a montadora mandou 150 embora. No dia seguinte a aprovação da medida.

A única forma de manter os empregos e evitar mais demissões não é, portanto, através de mais benefícios às empresas ou reduzindo direitos e salários. São necessárias medidas que protejam de fato aqueles que mais sofrem com a crise: os trabalhadores.

O CHAMADO DA CONLUTAS: EXIGIR DE LULA A ESTABILIDADE NO EMPREGO

Apesar de toda a pressão imposta pelas empresas, os trabalhadores estão demonstrando que não aceitarão as demissões de braços cruzados. A Conlutas vem dirigindo mobilizações de peso contra as demissões, como na GM e na Vale, ao mesmo tempo em que faz um chamado às demais centrais, para impulsionar uma grande mobilização nacional em defesa dos empregos e contra a crise.

No entanto, ao invés de um programa que ajude ainda mais aqueles que demitem, a Coordenação Nacional de Lutas propõe medidas que protejam os trabalhadores.

"*Precisamos, isso sim, mobilizar os trabalhadores para enfrentar as empresas que demitirem ou ameaçarem os direitos dos seus empregados. E cobrar do governo federal que adote, imediatamente, medidas concretas para assegurar a manutenção do emprego dos trabalhadores. Esta é a única forma de pararmos as demissões neste momento*", afirma a carta da Conlutas às centrais.

A plataforma proposta pela Conlutas inclui a estabilidade no emprego com a readmissão dos demitidos, através de uma Medida Provisória do governo; a redução da jornada sem redução dos salários ou direitos; ampliação do seguro-desemprego para dois anos, além de investimentos públicos para a geração de novos empregos. Além disso, propõe a estatização das empresas que demitirem.

Diante dos desafios, a Conlutas vem fazendo um chamado às demais centrais a fim de impulsionar grandes mobilizações unificadas contra as demissões. Como parte disso, a coordenação vem chamando e desafiando a CUT e a Força Sindical além de discutir uma plataforma comum, a realizar um dia de greves e paralisações em março.

TARSILA DO AMARAL

DEBATE DISCUTIRÁ CRISE E REORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO

ATIVIDADE UNITÁRIA NO FÓRUM SOCIAL MUNDIAL reúne Conlutas, setores que atuam na Intersindical, MTST e MTL

ANDRÉ FREIRE,
do Rio de Janeiro (RJ)

No dia 29 de janeiro, em Belém (PA), será realizada uma atividade durante o Fórum Social Mundial com o tema "*A crise econômica mundial, os desafios da classe trabalhadora e a reorganização do movimento sindical e popular*".

O objetivo dessa importante atividade é: discutir a crise econômica que já chegou com força a nosso país e os reflexos sobre a classe trabalhadora. Outras metas são lançar um plano de ação comum para as lutas de 2009 e aprofundar o debate sobre a reorganização sindical e popular, definindo planos comuns para a construção de uma alternativa unitária dos trabalhadores e trabalhadoras.

Importantes entidades do movimento sindical e popular brasileiro e organizações da esquerda socialista assinam a convocatória. Na lista se destacam a Conlutas e várias de suas entidades filiadas, três importantes correntes que atuam na Intersindical (APS, Enlace e C-Sol), o MTST, o MTL, o MAS ("prestistas"), a Pastoral Operária Metropolitana de São Paulo, a FENASPS e outros sindicatos e movimentos.

O evento acontecerá no ginásio da Universidade Estadual do Pará (UEPA) às 8h30. A proposta dos organizadores é seguir a discussão até o início da tarde, definindo ao final, além do plano de ação, propostas concretas que deem início ao debate para a unificação em uma mesma entidade nacional de todos os envolvidos, deixando inclusive a porta aberta para outros setores da esquerda socialista e dos movimentos sociais classistas, combativos e independentes dos governos e dos patrões, que queiram se integrar posteriormente à construção desse processo.

A realização dessa atividade é uma grande vitória para a classe trabalhadora e pode abrir uma nova situação no processo de reorganização dos movimentos sociais, criando uma entidade nacional que seja um importante ponto de apoio para as lutas dos trabalhadores.

UMA NOVA ENTIDADE QUE UNA SINDICATOS, MOVIMENTOS POPULARES E JUVENTUDE

Em seu primeiro congresso, a Conlutas aprovou um chamado dirigido principalmente à Intersindical, mas também a outros setores e entidades, para que iniciássemos um processo de unificação em uma mesma entidade nacional de todos os movimentos sociais classistas, combativos e independentes dos governos e dos patrões.

A resolução da Conlutas defendia a necessidade de essa nova entidade organizar não apenas o movimento sindical, mas também outros movimentos da classe trabalhadora e da juventude, como o movimento popular e estudantil, além dos movimentos contra as opressões. Evidentemente, garantindo a maioria numérica das representações dos trabalhadores nos fóruns de decisão, para assegurar seu caráter classista.

Esse processo deve ser necessariamente aberto, franco e democrático. As discussões e polêmicas devem ocorrer livremente e as decisões devem ser tomadas a partir de um amplo debate nacional, incorporando as bases de todas as entidades envolvidas.

Necessariamente esse processo deverá ser construído com base nas lutas e mobilizações dos trabalhadores contra os efeitos da crise sobre a nossa classe. Mas também com um debate rico e polêmico que deve ser feito em um ambiente de respeito, perseguindo sempre a síntese e a construção de uma grande entidade nacional de frente única, que seja superior a todas as organizações que estejam iniciando esse processo.

UM PROGRAMA CLASSISTA E DE RUPTURA COM O CAPITALISMO

Para ter sucesso na construção dessa entidade nacional da classe trabalhadora e dos explorados e oprimidos, será necessário encarar o desafio de construir um programa.

> **É PRECISO DAR PASSOS concretos na construção de uma ferramenta unitária para a luta imediata e histórica da classe trabalhadora**

Esse programa deve começar pela defesa incondicional do classismo, bandeira histórica do novo sindicalismo construído a partir das greves do ABC, no final da década de 70. O classismo foi abandonado pela CUT, que passou a defender abertamente a política de parcerias e de conciliação com governos e empresas.

Nesta nova conjuntura, em que a crise econômica internacional prejudica os trabalhadores brasileiros, novamente os governos, os grandes empresários e os sindicalistas pelegos vêm com o mesmo discurso: é necessário unir trabalhadores e patrões. É o abandono total do classismo.

Neste momento, é fundamental uma entidade nacional forte e combativa que lute para que os ricos paguem pela crise. Os banqueiros e grandes empresários lucraram de forma exorbitante durante os anos de auge do neoliberalismo e agora – novamente – querem manter seus lucros à custa das demissões e da redução de direitos e do salário dos trabalhadores.

Nos processos de enfrentamento com a burguesia e seus governos, devemos levantar também a defesa do socialismo, discutindo pacientemente com os trabalhadores que somente o fim do capitalismo acabará com a exploração e a opressão sobre nossa classe.

INDEPENDENTE DE GOVERNOS E PATRÕES E AUTÔNOMA EM RELAÇÃO AOS PARTIDOS

Todos os setores envolvidos na construção desse processo sabem o que representou a incorporação da CUT na estrutura do governo Lula. Significou que essa central deixou a defesa dos trabalhadores para se tornar uma correia de transmissão do governo no movimento sindical, como aconteceu com a UNE no movimento estudantil.

Mas, mesmo antes do atrelamento político ao governo, a CUT incorporou como uma das suas principais políticas de ação a defesa das parcerias com os patrões, via câmaras setoriais e acordos que rebaixam salários e direitos. Portanto, um dos princípios mais importantes da entidade que queremos criar deve ser a total independência política e financeira do Estado, dos governos e da burguesia.

No mesmo sentido, ela deve ter uma firme autonomia dos partidos, mesmo os da classe trabalhadora. Quem deve mandar nessa nova organização são os fóruns deliberativos construídos nesse processo. As organizações políticas e os partidos são bem-vindos, mas para contribuir e ajudar nas elaborações, sem que isso signifique o atrelamento da entidade a algum partido ou organização.

Outro erro grave do processo de desenvolvimento da CUT foi a subordinação política e financeira das entidades de frente única aos interesses eleitorais dos candidatos do PT e dos partidos aliados do governo Lula. Não podemos repetir o mesmo erro eleitoreiro de colocar as entidades a serviço da lógica da democracia burguesa e do jogo eleitoral.

Outro princípio muito importante deve ser a priorização da ação direita em relação à atuação institucional. É legítimo e é importante que os partidos da classe trabalhadora participem das eleições e as utilizem para apresentar e defender seus projetos frente a toda a sociedade. Mas é um crime subordinar as organizações dos trabalhadores aos objetivos eleitorais dos partidos.

Que nessa atividade unitária em Belém sejam dados passos concretos para avançar na construção de uma ferramenta unitária para a luta imediata e histórica da classe trabalhadora brasileira. Esses são os nossos votos e é nesse sentido que estará direcionado todo o nosso esforço.

TODOS AO CONGRESSO NACIONAL DOS ESTUDANTES!

Plenária no Fórum Social Mundial avançará na organização das lutas e na construção do Congresso dos Estudantes

***LEANDRO SOTO**, da Secretaria Nacional de Juventude do PSTU*

No dia 30 de janeiro, o Acampamento Intercontinental da Juventude, na Universidade Federal da Amazônia (UFRA), em Belém do Pará, irá sediar a terceira plenária nacional para a construção do Congresso Nacional dos Estudantes. A plenária será mais um passo em um processo iniciado em setembro de 2008, na primeira plenária nacional, convocada pelo diretório central da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

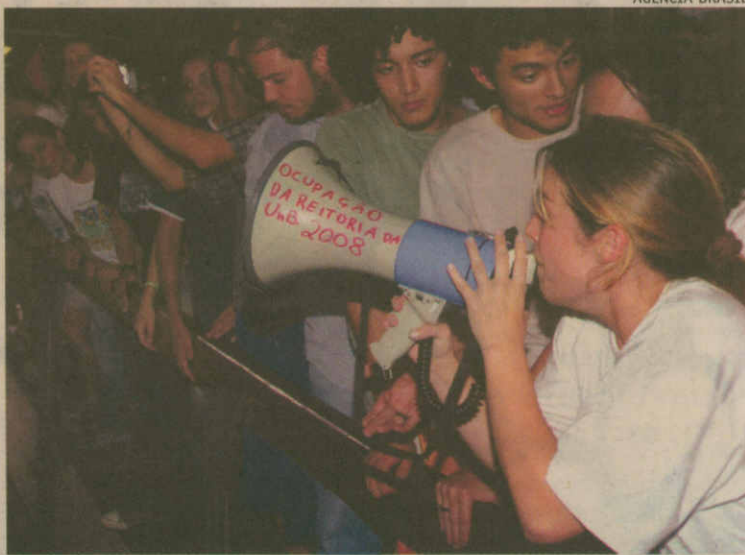
Para a reunião convocada para o FSM, já estão confirmadas as presenças de dezenas de entidades estudantis; várias executivas de curso e importantes Diretórios Centrais (DCE´s) de universidades federais, como as de Minas Gerais (UFMG), Alagoas (UFAL), Goiás (UFG), Amazônia (UFRA), UnB e estaduais como a do Rio de Janeiro (UERJ), do Pará (UEPA) e a de São Paulo (USP).

A plenária irá ocorrer no momento em que os olhos e a preocupação de todos se voltam para a crise econômica. Por isso, além de discutir a realização do Congresso, os participantes irão debater um plano de lutas para responder aos ataques realizados pelo governo Lula.

CONTRA O GOVERNO NEOLIBERAL, UNIR AS LUTAS NO CONGRESSO!

Enquanto dá R$ 160 bilhões aos banqueiros, Lula cortou R$ 1,04 bilhão do orçamento da educação. A política do governo já está clara: vai dar dinheiro para banqueiro e cortar da educação.

Além disso, Lula está atacando nossos direitos à cultura, ao lazer e nossas condições de vida. O governo, por exemplo, já reduziu o direito à meia-entrada para apenas 40% dos bilhetes vendidos em cinemas, teatros, shows e estádios. E, geralmente, os primeiros que estão sendo demitidos nas fábricas são exatamente os mais jovens.

O governo e os patrões irão jogar a crise nas costas da juventude e dos trabalhadores. A plenária que será realizada no FSM é um espaço privilegiado para discutir e armar o movimento estudantil com um calendário de lutas capaz de, desde já, defender a educação e os direitos da juventude.

AGÊNCIA BRASIL

Ocupação da UnB, em 2008

A resposta imediata aos ataques é fundamental. Entretanto, é preciso que a juventude e o movimento estudantil construam uma resposta a longo prazo, para evitar que a crise dos capitalistas caia sobre as nossas costas.

Nos últimos anos, os estudantes têm protagonizado importantes mobilizações como a ocupação das reitorias da USP, da PUC-SP, da UnB, da Fundação Santo André e realizado dezenas de outras mobilizações, como a luta contra o REUNI. Agora, e diante da crise, será fundamental unificar estas lutas.

Desde que Lula chegou ao poder, a UNE passou com malas e bagagem para o lado do governo. Há muito, o movimento estudantil não tem um congresso nacional que possa, de fato, avançar nas elaborações e armar a juventude para as lutas. É para unificar estas lutas e lutadores que precisamos do Congresso Nacional dos Estudantes.

PRECISAMOS DE UM INSTRUMENTO DE LUTA NACIONAL!

A construção do Congresso será, portanto, um passo decisivo e necessário na construção das mobilizações em 2009. Mas não podemos parar aí. Será importante darmos, a partir dos debates do Congresso, um passo adiante na organização das lutas do movimento estudantil.

Neste sentido é muito importante que o Congresso termine na criação de um novo instrumento de lutas do movimento estudantil brasileiro. Um instrumento oposto, na forma e no conteúdo, à falida UNE. Radicalmente democrático, controlado pelas bases e a serviço das mobilizações da juventude. Não há momento mais propício e necessário para essa construção.

PLãNÁRIo NouIONoL
ocampamento da Juventude do Fórum Social Mundial ,UFRoO
eS de janeiro2aeh

MOVIMÃNTO

TODA A VANGUARDA DO SINDICATO DOS RODOVIÁRIOS NO AMAPÁ É DEMITIDA

Objetivo dos donos das empresas de ônibus é eliminar resistência

***ASDRÚBAL BARBOZA**, de São Paulo (SP)*

Após ameaças e atentados não intimidarem, os patrões resolveram apelar, demitindo toda a vanguarda e diretores do Sindicato dos Rodoviários do Amapá. No dia 22 de dezembro, demitiram 90% da diretoria executiva. Em seis meses, 30% da categoria perdeu o emprego, somando quase 300 companheiros que formaram a linha de frente das últimas greves. É uma demissão seletiva do melhor da vanguarda.

Não é de hoje que os donos da empresas de ônibus buscam destruir o sindicato. Há tempos vêm suspendendo o repasse das mensalidades ao sindicato, demitindo ativistas e patrocinando a oposição à entidade.

Sem falar nas ameaças e atentados contra diretores e o presidente da entidade, Joinville Frota, e sua família. O último foi em agosto de 2008, quando tentaram incendiar sua casa.

A maioria dos demitidos são companheiros que estiveram à frente da heroica paralisação de 12 dias contra a "dupla pegada", realizada há quatro meses. Alegando uma suposta "abusividade" de greve, o que nunca foi decretado judicialmente, os patrões demitiram todos.

Essa atitude é um claro ataque à liberdade e à organização sindical. É um crime contra a livre organização dos trabalhadores.

O Amapá vive hoje um dos mais fortes ataques contra a organização da classe trabalhadora. Por isso, a solidariedade nacional e internacional é necessária. Com ela e a mobilização da classe poderemos derrotar os patrões mais uma vez.

COMO AJUDAR

▶ BÔNUS NO FSM
Os rodoviários estão ven3 dendo bônus durante o Fórum Social Mundial9

▶ FAZENDO UMA DOAÇÃO EM CONTA, DE QUALQUER VALOR (entidades, sindicatos ou individuais)
Se você faz parte de um sindicato, discuta na diretoria uma ajuda regular ou uma doação avulsa. Deposite na conta do Sindicato dos Condutores de Transporte de Passageiros do Amapá:
Caixa Econômica Federal
Agência: 0658 - Conta corrente: 197-2

▶ ENVIANDO UMA MENSAGEM
Escreva contra as demissões e exigindo garantias de vida para Joinville Frota:

Exmo Sr. governador Antonio Waldez Góes
governadoria@governadoria.ap.gov.br

Sind. das Empresas de Transporte
tgmafra@gmail.com / Fax: (96) 3222.0318

Com cópia ao e-mail da campanhan
solidariedadecmcp@gmail.com

Dossiê "Amapá Urgente", com textos em português e inglês, é distribuído no Fórum Social Mundial e traz um histórico dos ataques e ameaças de morte desde 2002

A sobrevivência deles está em nossas mãos

Trabalhadores precisam de solidariedade e contribuições financeiras

O ataque aos rodoviários deixou dezenas de companheiros sem sustento e sem poder se proteger das ameaças contra sua vida. A solidariedade neste momento é fundamental, através de moções de protesto e, principalmente, doações individuais, de sindicatos ou de assembleias de trabalhadores.

Enquanto durar a luta pela reintegração, os diretores e cipeiros precisam de ajuda. Veja ao lado como contribuir e protestar contra o ataque.

Michele e Barack Obama

"ESTAMOS PRONTOS PARA LIDERAR MAIS UMA VEZ"

ESSA FOI UMA DAS PRINCIPAIS FRASES do discurso de Barack Obama durante sua posse. E indica que a suposta vocação da América, o controle imperial sobre o planeta, está presente também no ideário do novo presidente

***JEFERSON CHOMA**, da redação*

Barack Obama é o novo ocupante da Casa Branca. A expectativa de mudanças com o primeiro presidente negro da história dos Estados Unidos se refletiu na presença de quase dois milhões de pessoas nas ruas da capital norte-americana. Muitos são imigrantes, negros, pobres, jovens, idosos, sem-saúde e gente da classe média empobrecida, que votaram em massa nos democratas. Mundo afora, outros milhões de pessoas igualmente acompanhavam pela TV a cerimônia de posse. Especialmente o povo iraquiano, que anseia pelo fim das criminosas investidas militares do imperialismo.

As vaias a Bush evidenciaram o fracasso da sua doutrina reacionária de Guerra ao Terror e do atoleiro em que se transformou as guerras do Iraque e Afeganistão. Seu governo levará para a história a marca do sangue de genocídios e torturas e será lembrado pela maior crise da economia capitalista desde 1929. Os fracassos de Bush no Iraque levaram a uma ampla derrota eleitoral, expressando o repúdio generalizado nos EUA e no mundo.

No imaginário da população, Obama é o oposto de Bush. Sua figura é de um homem negro e jovem com um discurso conciliador, supostamente sensível às necessidades de um povo abandonado por seus governantes. É natural que milhões de oprimidos, em particular os negros, acreditem em Obama. Mas é necessário analisar a sociedade a partir dos interesses das classes sociais e seus conflitos e não de personalidades.

É a burguesia norte-americana, a mais poderosa do mundo, que segue no poder nos EUA. Obama é hoje o maior representante das multinacionais que financiam os democratas, e não dos trabalhadores negros. É essa diferença de classe que vai prevalecer e não a da cor.

Além disso, as ilusões sobre Obama certamente serão de muita utilidade, pois servirão para atuar prevenindo um dos potenciais efeitos da recessão econômica: a temida explosão do barril de pólvora que está se armando nos EUA.

SALVAR O CAPITALISMO

"Não podemos adiar decisões desagradáveis... O momento é de sacudir a poeira e reconstruir a América", disse Obama no discurso de posse, prometendo salvar o capitalismo.

O novo presidente assume em meio a uma das maiores crises da história do sistema. Nos EUA, o desemprego é o maior dos últimos 15 anos e já chega a 7,4%. A economia está em recessão. A dívida pública já atingiu de US$ 20 trilhões, o déficit público US$ 1,2 trilhão equivale a 10% do PIB e o déficit comercial bate os US$ 500 bilhões.

Até agora o governo dos EUA injetou US$ 7,4 trilhões na economia. No total, 257 bancos foram socorridos, alguns nacionalizados na prática, sendo que os sete maiores receberam 60% dos US$ 350 bilhões. Recentemente o governo teve que injetar mais US$ 117 bilhões no Bank of America, o maior do país.

Obama defendeu a ajuda aos banqueiros e empresários. E segue os mesmos passos de Bush, preparando um novo pacote para injetar mais de US$ 800 bilhões na economia – grande parte da quantia irá para os bancos. Enquanto isso as empresas continuam demitindo, como a Microsoft, que mandou cinco mil funcionários para a rua.

Obama pode até colocar em marcha um plano de obras públicas, criando trabalhos precários que atuariam como um colchão para amortecer a crise social. Mais isso não significará uma nova era de regulação da economia, como opção ao modelo neoliberal.

A equipe econômica nomeada por Obama é composta por velhos e conhecidos burocratas neoliberais. Para secretário do Tesouro.

> **A CRISE PODERÁ COLOCAR EM XEQUE toda a ordem mundial. Um dos desafios de Obama será manter o controle dos EUA sobre o sistema imperialista**

Obama indicou Timothy Geithner, presidente do Federal Reserve de Nova York e um dos principais criadores do plano de resgate dos bancos. Outra personalidade é Lawrence Summers, novo diretor do Conselho Econômico Nacional da Casa Branca. Summers foi economista-chefe do Banco Mundial - a mesma instituição que recomendava privatizações, terceirizações e enxugamento da máquina do Estado – e do FMI.

Alguém acredita que esses senhores encabeçarão uma alternativa ao neoliberalismo? Ou é seu objetivo será de baratear os braços dos trabalhadores norte-americanos, com redução de direitos, para que a indústria do país – principalmente as montadoras – torne-se mais competitiva?

A consciência da população segue na direção oposta à da realidade econômica. Obama passou a campanha vendendo ilusões, mas não poderá entregá-las. Com a recessão, a esperança será fraudada. Seu desafio será o de conter uma explosão social nos EUA. É essa a expectativa que a burguesia do país e sua imprensa têm sobre o presidente da "mudança".

GUERRA ATÉ QUANDO?

Uma das primeiras medidas de Barack Obama foi o início do fechamento da prisão de Guantánamo, em Cuba, e várias outras prisões da CIA espalhadas por todo o mundo. A decisão pretende acabar com os vergonhosos símbolos das torturas da administração de Bush e melhorar a imagem dos EUA no mundo. Mas engana-se quem acredita que o país vai deixar de atuar de forma imperial e respeitar países e direitos humanos.

Apesar de ser eleito com a promessa de que iria terminar com a guerra do Iraque, a nova administração pretende envolver a retirada das tropas num confuso emaranhado de prazos. Um deles é previsto pelo acordo entre EUA e Iraque, cujo plano é retirar as forças de combate das cidades iraquianas até 30 de junho de 2009. Mas a retirada total somente está prevista para dezembro de 2011. Ou seja, quase no final do mandato do novo presidente.

Até lá os planejadores militares já admitem que muitos soldados permanecerão no país exercendo funções rebatizadas como treinadores ou assessores. Isto é, continuarão participando dos combates, mas serão chamados por outra coisa. Afinal, como explicou um oficial norte-americano ao *The New York Times*, os *"treinadores podem ser alvos de disparos. Às vezes têm que atirar de volta"*.

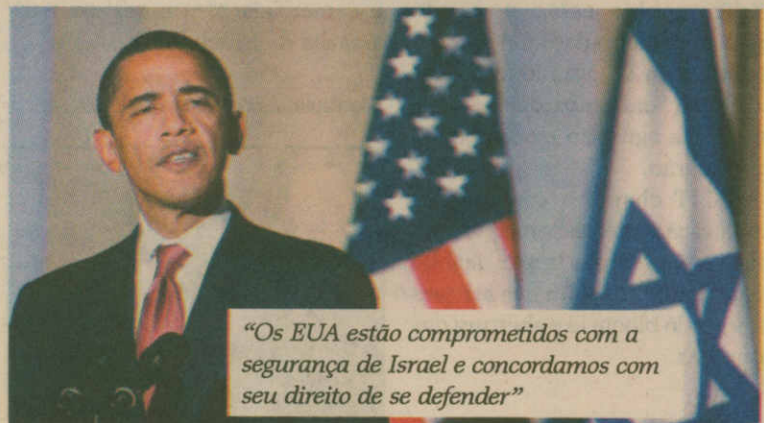
Além disso, o presidente pretende enviar mais soldados ao Afeganistão – guerra que ele considera justa.

SENDO CLARO SOBRE GAZA

Nada foi pior do que o silêncio vergonhoso de Obama sobre o genocídio dos palestinos promovido por Israel. No entanto, o presidente falou sobre o assunto no seu segundo dia de governo. *"Deixe-me ser claro: os EUA estão comprometidos com a segurança de Israel e concordamos com seu direito de se defender"*. Ou seja, igual a Bush, o novo presidente assegurou o apoio irrestrito do imperialismo às ações de Israel, tentou responsabilizar o Hamas, enquanto mantém um silêncio cúmplice sobre o banho de sangue de Israel em Gaza.

DESAFIOS

A crise econômica também marca o início de uma nova situação política internacional. A eleição de Obama foi a primeira conseqüência disto. Nos próximos anos assistiremos a mudanças bruscas e convulsivas em muitos países. A crise poderá colocar em xeque toda a ordem mundial e a hegemonia do imperialismo ianque sobre o atual sistema mundial de Estados. Um dos desafios de Obama será manter o controle dos EUA sobre o sistema imperialista mundial.

E, como em toda crise econômica, esta também poderá provocar revoltas e ascensos revolucionários pelo mundo. Talvez mais intensos e dramáticos do que os que foram vistos após a crise econômica de 2001-2002, quando a América Latina foi palco de levantes e revoluções. Mas as rédeas que conduzirão o imperialismo no enfrentamento com o movimento de massas estão agora nas mãos de Obama.

"Os EUA estão comprometidos com a segurança de Israel e concordamos com seu direito de se defender"

DECLARAÇÃO DA LIGA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES

ISRAEL NÃO DOBROU A RESISTÊNCIA PALESTINA!

Cisjordânia

POR UMA CAMPANHA PERMANENTE pelo boicote até a destruição do Estado de Israel

SECRETARIADO INTERNACIONAL DA LIT (QI)

A LIT-QI saúda o heróico povo palestino de Gaza por conseguir que as tropas do exército de Israel tenham saído de Gaza sem acabar com a resistência.

A luta foi desigual. A resistência enfrentou um dos exércitos mais poderosos do mundo. Vemos agora com detalhe a brutalidade da agressão sofrida. Mais de 1.300 vítimas assassinadas, milhares de feridos, 4 mil casas destruídas e a infra-estrutura básica arruinada demonstram que o objetivo de Israel era o genocídio da população de Gaza. O exército de Israel não se deteve nem diante de refúgios da ONU, escolas ou hospitais. Todos têm gravados para sempre as imagens das centenas de crianças assassinadas pela máquina da morte nazi-sionista que se iguala ao horror produzido por Hitler no Gueto de Varsóvia ou nos campos de concentração. Para assassinar alguns dos dirigentes do Hamas ou do governo de Gaza, as tropas sionistas destruíram tudo o que encontraram. Com o objetivo de minimizar as baixas entre suas tropas, bombardearam todos os edifícios que pudessem oferecer algum perigo. Toda esta destruição e sofrimento não foram suficientes para dobrar a resistência palestina.

A impossibilidade de controlar territorialmente Gaza e as crescentes mobilizações em todo o mundo condicionaram a saída das tropas israelenses. O prazo pactuado com os EUA para desenvolver a ofensiva ia até a posse de Obama. O novo presidente dos EUA não poderia começar seu mandato com as bombas caindo sobre as crianças palestinas.

AS MOBILIZAÇÕES CONTRA ISRAEL

As ilusões geradas com a posse de Barack Obama fizeram que Israel ficasse com a exclusividade do ódio mundial das massas. Terminou toda aquela compreensão que Israel conquistara desde sua criação, através da utilização do holocausto sofrido pelos judeus. Israel nos últimos anos contou com o vergonhoso apoio de setores de "esquerda", que defenderam sua existência com a política dos "dois estados".

Síria

As massivas mobilizações, realizadas especialmente em vários países europeus e, principalmente, no conjunto dos países árabes, recordam as grandes manifestações contra a guerra do Iraque. Naquela ocasião, mobilizações na Europa e nos EUA tinham como eixo a paz. Agora se deu um passo mais adiante, pois o eixo desde o começo foi contra a agressão israelense.

Iraque

Também fracassou a campanha de igualar Israel e a resistência palestina, realizada pelo imperialismo, pela social-democracia e pela ultra-direita.

Nos países árabes, as mobilizações tiveram outro perigo para o imperialismo. A cada dia mais massivos, os protestos se realizaram contra os governos aliados do imperialismo, porque estavam permitindo o massacre israelense. Apesar da férrea ditadura, o governo egípcio de Mubarack (o segundo em recebimento de ajuda militar dos EUA) poderia ser derrubado se a ofensiva israelense continuasse.

OBAMA NÃO TEVE PRESENTE

O êxito de uma vitória imperialista, com a capitulação da resistência, seria um presente para o início do governo Obama. Mas agora, o novo presidente terá que se ocupar em conseguir com as negociações o que não conseguiu com as armas israelenses.

O Hamas, que encabeçou e dirigiu a resistência, tem a oportunidade de mandar ao lixo da história o colaborador Abbas e toda a direção traidora da Al Fatah. Os governos imperialistas europeus, reunidos com Mubarack e Abbas, facilitaram a saída israelense quando perceberam que seria impossível sua vitória militar. O caminho que buscavam era o de levar o Hamas para a mesa de negociação e a colaboração com a ANP. Agora, são obrigados a reconhecer o Hamas como interlocutor, quando até pouco tempo a isolavam, considerando a organização como terrorista. Mas também tratam de salvar o fantoche de Israel Mahmud Abbas, ou pelo menos o resto da direção da Al Fatah para que possam seguir exercendo o governo colaboracionista de Israel.

A MATANÇA EM GAZA PODERIA TER TERMINADO MAIS CEDO?

Acreditamos que sim. Mas para isso era necessária a intervenção de quem tivesse maiores possibilidades de intervir. O Hezbolah foi capaz de derrotar Israel em 2006, enfrentando sua invasão no Líbano. Não conhecemos todo o apoio que Hezbolah deu a resistência palestina durante este mês. É provável que tenha sido grande. As declarações de seu líder contra Israel, chamando a derrotar Mubarack por não abrir a fronteira aos habitantes de Gaza, as grandes mobilizações que promoveram no Líbano são fatos que os palestinos, sem dúvida, sempre irão agradecer. Mas a direção Hezbolah proibiu seus milicianos de atacar Israel, abrindo uma nova frente que poderia ter adiantado a derrota de Israel. Nem sequer permitiram que os palestinos refugiados se armassem para combater do Líbano aqueles que massacravam seus irmãos.

Egito

Espanha

As mesmas críticas ao Hezbolah podem ser estendidas ao governo iraniano. Ambos, porém, são os únicos da região que até hoje se negam a reconhecer o Estado de Israel. O resto dos governos da região ou são cúmplices diretos ou estão em negociações com Israel, como é o caso de Síria.

Hamas tem o grande mérito de ter encabeçado a resistência, mas deveria ter chamado todo o povo árabe a se levantar contra a agressão, única garantia de acabar com o Estado de Israel.

CONTINUAR A MOBILIZAÇÃO INTERNACIONAL ATÉ ACABAR COM TODA A AGRESSÃO ISRAELENSE

Israel não pode controlar a Faixa de Gaza, mas isto não vai impedir de seguir massacrando a população palestina. Já vimos como no Iraque e no Afeganistão as tropas imperialistas continuam realizando bombardeios e matanças nas zonas onde não foram capazes de controlar militarmente. Em Gaza há um cenário parecido.

Algéria

Nos últimos anos, os bombardeios "seletivos" israelenses mataram mais palestinos que a guerra dos 22 dias. O bloqueio de alimentos, combustíveis e medicamentos estão matando lentamente a população. Agora desapareceram da grande imprensa "ocidental" os bombardeios sionistas, mas a agressão e o genocídio continuarão.

A LIT chama a continuar a mobilização internacional até a retirada completa das tropas de toda a Faixa de Gaza, o fim dos ataques aéreos e do bloqueio e abertura das fronteiras.

A DESTRUIÇÃO DE ISRAEL ESTÁ MAIS PRÓXIMA

A barbárie israelense em Gaza demonstrou novamente que todos os milhões de dólares não bastam para derrotar o povo palestino que luta por sua sobrevivência. A mobilização internacional golpeou o Estado de Israel. Os sionistas têm dificuldades em levantar sua voz. A humanidade contemplou todo o horror que eles cometeram. Os milhões que se mobilizaram não voltarão a ter uma postura "neutra" ante o genocídio.

Todos viram que, como o nazismo, o sionismo quer destruir e expulsar uma população de seu legítimo território, simplesmente por serem árabes mulçumanos, considerados como uma raça inferior pelos sionistas. Os bombardeios não são indiscriminados, são contra a população, de forma consciente. Chegaram a bombardear um edifício onde haviam obrigado dezenas de palestinos a se refugiaram, sob a ordem de não saírem do prédio. Não são câmaras de gás, mas o princípio é o mesmo.

No apartheid, a África do Sul racista mantinha os bantustões, guetos criados para isolar a população negra. Os guetos e o apartheid de ontem são os territórios palestinos de hoje, utilizados não só para segregar, mas também para facilitar os bombardeios sem que se afete a população judaica.

É necessário que se mantenha uma campanha permanente pela destruição do Estado de Israel. O boicote internacional que se conseguiu impor ao governo do apartheid na África do Sul foi determinante para que as massas negras pudessem derrubar esse regime. Agora temos que seguir exigindo dos governos de todo o mundo a ruptura de relações diplomáticas e comerciais com o regime nazi-sionista de Israel.

São Paulo, 23 de janeiro de 2009

Irã

GAZA E O GUETO DE VARSÓVIA

JEFERSON CHOMA, da redação

No último dia 15, o programa de TV do PSTU prestou uma bela homenagem ao povo palestino. Denunciamos a ação genocida de Israel contra Gaza e a comparamos com o extermínio de judeus no Gueto de Varsóvia. Muitas cartas elogiando o programa chegaram ao partido (leia na página 2). Porém, houve também cartas nos atacando e defendendo a ação criminosa de Israel. Gente que não esconde sua ideologia racista-religiosa para defender as atrocidades do sionismo.

Deste episódio uma conclusão deve ser tirada. O massacre promovido por Israel evidencia algo que muito incomoda os defensores do suposto direito da "autodeterminação" israelense: o caráter nazista do Estado de Israel.

ISRAEL É UM ESTADO BASEADO NA LIMPEZA ÉTNICA, na definição racista e mantém uma permanente política de guerra de extermínio para garantir a eliminação dos árabes palestinos

Israel é um Estado racista e colonial porque foi criado a partir da ocupação do território da Palestina por uma população transplantada de outros continentes e da expulsão de todo um povo de suas terras e casas. Um Estado armado até os dentes pelos EUA para assegurar seus interesses sobre o petróleo dos árabes.

Um Estado baseado nas idéias sionistas que tem como definição ser o Estado de uma raça, teocrático, constituído em base a um critério religioso. Segundo essa definição a Palestina seria a "terra prometida" por Deus.

Israel foi criado sob o lema de *"uma terra sem povo para um povo sem terra"*, quando havia um povo lá, o povo palestino, legítimo dono de todo território.

É um Estado baseado na limpeza étnica na definição racista manter uma permanente política de guerra de extermínio para garantir a eliminação de uma raça (os árabes palestinos). Por isso, a definição mais correta para sua natureza é de um Estado nazista.

Essa é a ideologia religiosa que sustenta a expulsão do conjunto da população árabe da Palestina. Uma série de políticos importantes de Israel, como Avigdor Lieberman, defende essa expulsão abertamente. A depuração étnica que visa fazer da Palestina uma região "limpa de árabes" recorda o projeto do nazismo de uma Europa "limpa de judeus".

Infelizmente, para Israel o extermínio ou a deportação total não são possíveis a curto e médio prazo e chocariam a opinião pública mundial. Da mesma forma como o nazismo percebeu que não era possível liquidar os judeus num só golpe após a ocupação da Polônia, em 1939. Por isso criaram o Gueto de Varsóvia, em outubro de 1940.

Em Gaza, os sionistas fecham as fronteiras marítimas, aéreas e terrestres, cortam o combustível, destroem a infra-estrutura e privam os palestinos de medicamentos e comida.

O nazismo fez o mesmo ao preparar o extermínio dos judeus. Retiraram suas casas e empregos e depois obrigaram os judeus de Varsóvia a se deslocarem ao gueto. Logo os nazistas construíram um muro ao seu redor.

A população do gueto chegava a mais de 380 mil pessoas, 30% da população de Varsóvia. Em contrapartida, ocupava apenas 2,4% do território da cidade.

Em Gaza, vivem cerca de um milhão e meio de pessoas, quase todas sem nenhuma possibilidade de conseguir emprego e praticamente dependentes da ajuda da ONU – isso quando essa ajuda é autorizada a entrar. Como os judeus de Varsóvia, os palestinos foram confinados por um muro e submetidos a um embargo econômico.

Como aponta o jornalista John Brown, "trata-se de eliminar pouco a pouco e na prática uma população sem que por isso possa se falar de genocídio, senão de medidas de 'segurança', 'contra-insurgência', *'luta contra o terrorismo' etc. Tudo isso, naturalmente, no marco do 'processo de paz'"*.

Mas a desculpa da autodefesa também foi utilizada pelos nazistas, que nunca proclamaram sua intenção de exterminar os judeus, mas de apenas estarem se "defendendo" de uma conspiração judaica.

Israel afirma que os palestinos são um povo selvagem, por isso o fracasso dos "acordos de paz" da administração dos seus territórios.

Mas os "acordos de paz" foram apenas uma dissimulação no marco da estratégia colonialista e racista de Israel. E, como aponta novamente John Brown, a colaboração da Autoridade Nacional Palestina com Israel recorda a instrumentalização dos conselhos judeus (Judenrate) pelo nazismo no Gueto de Varsóvia. Os conselhos eram corpos administrativos requeridos pelos nazistas que asseguravam o governo colaboracionista no Gueto. Faziam a intermediação entre nazistas e a comunidade judaica, chegando a providenciar judeus para o trabalho escravo e, posteriormente, para o recrutamento aos campos de extermínio. Seus integrantes foram liquidados quando deixaram de ter serventia aos nazistas.

A COMPARAÇÃO HISTÓRICA com o Gueto demonstra que os palestinos de Gaza são os herdeiros dos judeus de Varsóvia

LEVANTE

No gueto, a morte era questão de tempo. Milhares já tinham sido transportados para o campo de extermínio de Treblinka. Mas houve aqueles que preferiram cair lutando. Em janeiro de 1943, estoura uma insurreição no gueto. A heróica resistência seguiria até abril daquele ano. Estupefatos, os nazistas adotaram uma estratégia para minimizar as baixas. Adotaram bombardeios aéreos e artilharia para enfrentar a resistência. No Gueto de Varsóvia, nenhuma edificação ficou de pé. Após o bombardeio, soldados nazistas utilizaram lança-chamas para liquidar todos os sobreviventes.

Como os nazistas, o exército israelense também tenta minimizar suas baixas. Afinal, como disse o rabino israelense Yaakov Perrin, em 1994, em declaração reproduzida pela Folha de S. Paulo, por ocasião dos funerais de um assassino judeu que massacrou mais de 60 palestinos em Hebron, ele afirmou: *"Um milhão de árabes não valem a unha de um único judeu"*.

A morte vem primeiro pelo ar em Gaza. Os ataques aéreos precedem a ocupação por terra. A demolição dos edifícios é a tática israelense que denuncia a sua estratégia de limpeza étnica. Os sobreviventes, privados de um teto, são tentados a emigrar.

DIVULGAÇÃO INTERNET

DIVULGAÇÃO INTERNET

Na Palestina os soldados israelenses não usam suástica, mas seu exército distribui aos seus oficiais o relatório do general das SS Jürgen Stroop, que comandou a destruição do Gueto de Varsóvia.

Em 2002, um porta-voz do governo israelense, Rahanan Gissen, explicou que a escolha se justificava simplesmente por serem muito semelhantes as condições de combate aos palestinos com as do Gueto. Mais recentemente, em 2008, um vice-ministro israelense, Matan Vilnai, disse que Israel deveria se preparar para infligir um "holocausto" a Gaza.

Israel acusa os palestinos de criarem uma rede de túneis destinados ao contrabando de armas. Os túneis seriam uma prova de uma séria ameaça a Israel. Todavia, o cordão sanitário contra Gaza faz com que esses túneis também sejam a única via para o abastecimento de comida e medicamentos.

No Gueto, a resistência também escavou túneis subterrâneos. Uma vez destruídos, os insurretos utilizaram a rede de esgotos para lutar.

Cercados e totalmente isolados, os combatentes de Varsóvia foram derrotados porque não tiveram auxílio. Rebelaram-se quando ainda havia forças para lutar e preferiram a morte em combate a um campo de extermínio.

Em Gaza, os palestinos lutam com seus morteiros e mísseis artesanais. Mas, diferente dos judeus do Gueto, não estão isolados. Têm o apoio daqueles que lutam contra a opressão o dos povos de todo o mundo árabe, embora seus governos sejam cúmplices do massacre, chegando ao cúmulo de os apunhalarem pelas costas, como o do Egito.

Por outro lado, mesmo tendo o apoio dos imperialismos ianque e europeu, Israel acumula um forte desgaste. O que muitos já percebem é que tragicamente a mesma estrela de David que foi usada pelos nazistas para marcar a opressão e o genocídio racista contra os judeus virou símbolo do genocídio a outro povo, o palestino. A comparação histórica com o Gueto demonstra que os palestinos de Gaza são os herdeiros dos judeus de Varsóvia. E que a suástica virou a Estrela de David.

MEIO AMBIE SOCIALISM CATÁSTRO

De 27 de janeiro a 1° de fevereiro será realizada em Belém uma nova edição do Fórum Social Mundial. Por ocorrer em plena região amazônica, estratégica para humanidade por sua imensa biodiversidade, as discussões ambientais ganharam uma importante dimensão. A catástrofe ambiental não será detida por propostas de um "capitalismo ecológico", com rosto humano. O sistema não pode superar a crise que provocou, pois isso significaria colocar limites à acumulação capitalista. É preciso travar uma luta sem tréguas contra o capital e as nações imperialistas. Para deter a destruição ecológica, é preciso discutir um programa socialista de defesa do meio ambiente.

GILBERTO MARQUES, *Belém (PA)*

O relatório de 2001 do Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP) concluiu que *"a humanidade vem saqueando a terra"*. A conclusão foi feita depois da constatação da elevação da temperatura terrestre e dos problemas ambientais, provocados pela emissão crescente de gases poluentes na atmosfera.

QUAL O CAMINHO A SEGUIR NO DEBATE SOBRE O MEIO AMBIENTE?

Desde o final dos anos 1960, abriu-se uma forte discussão sobre a problemática ambiental e as medidas para sua solução. O relatório do Clube de Roma e a Conferência de Estocolmo, ambos de 1972, defenderam que se deveria limitar o crescimento econômico. Em 1973, o diretor de meio ambiente da ONU Maurice Strong apresentou o conceito de "ecodesenvolvimento" que subsidiou a elaboração das propostas de desenvolvimento sustentável: crescimento econômico com preservação ambiental e solidariedade entre os países.

Outros encontros mundiais foram realizados (Eco-92, no Rio de Janeiro, por exemplo) e documentos assinados: o relatório de Brundtland da Comissão Mundial para o Meio Ambiente e o Protocolo de Kioto (para redução da emissão de gases poluentes). Propostas reformistas, insuficientes para resolver o desequilíbrio ecológico mundial. Kioto sequer foi aceito pelos EUA, nação responsável por grande parte da devastação.

Para compreendermos o fracasso dessas propostas, é preciso entender a lógica da produção capitalista. A maioria da população não dispõe dos meios de produção para a sua manutenção. Para não morrer de fome, tem que vender sua força de trabalho e receber em troca apenas uma parte da riqueza que produziu. Isso possibilita o lucro do capitalista e a miséria para a ampla maioria da população mundial.

Para aumentar seus lucros, o capitalista tem que aumentar cada vez mais sua produção e fazer com que as pessoas consumam cada dia mais. A corrida intransigente pelo lucro leva a uma universalização crescente das necessidades, que se traduz em consumo crescente e apropriação acelerada da natureza. Isso faz com que o ritmo da produção supere em muito o ritmo da natureza em se recompor.

Assim, não é a humanidade que está saqueando a natureza. Fundamentalmente, a burguesia saqueia o meio ambiente e seu principal componente, o trabalhador. É por isso que 862 milhões de pessoas passam fome permanentemente, sendo que em situações de crise os famintos chegam a dois bilhões.

> **O capitalismo é ecologicamente insustentável. O padrão das sociedades industriais imperialistas, seu consumo e sua produção destroem a multiplicidade das espécies**

AMAZÔNIA, DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CAPITALISMO

É possível haver desenvolvimento sustentável no capitalismo? E solidariedade verdadeira entre países imperialistas e subdesenvolvidos? Vejamos essas questões analisando o caso amazônico. Uma área maior que a França já foi derrubada na Amazônia, o que leva alguns cientistas a afirmar que a floresta pode desaparecer em 30 ou 40 anos. Segundo o Inpe, entre agosto de 2007 e julho de 2008 o desmatamento na Amazônia foi de 11.968 km². Diante disso, Al Gore (ex-vice-presidente dos EUA) afirmou que, *"ao contrário do que pensam os brasileiros, a Amazônia pertence a todos nós"*. Já o jornal britânico The Independent escreveu que "a Amazônia é muito importante para ser deixada com os brasileiros".

As atividades que mais desmatam são aquelas relacionadas com pecuária, soja e madeireiras. Qual o destino dessa produção? O envio como produto de exportação para abastecer o mercado mundial. A soja plantada no norte de Mato Grosso e no sul do Pará serve de ração para o gado europeu, ou seja, os países "ecologicamente corretos" criam seus gados confinados porque são alimentados com a soja que derruba as árvores da Amazônia.

As grandes multinacionais da mineração estão explorando em ritmo assustador as imensas reservas minerais da região e os principais laboratórios farmacêuticos mundiais extraem a biodiversidade amazônica para produzir seus produtos. Enquanto o presidente Lula faz discursos "críticos" sobre a devastação, seu governo continua apoiando financeiramente o agronegócio e as multinacionais mineradoras.

Socialismo e meio ambiente

O capitalismo é ecologicamente insustentável. O padrão das sociedades industriais imperialistas, seu consumo e sua produção destroem a multiplicidade das espécies, fazendo com que o ambiente natural, ao se tornar mais uniforme e menos articulado, se apresente mais sensível a choques externos, o que pode fazer desaparecer o sistema como um todo.

A crise econômica mundial desnudou ainda mais esse modo de produção. Segundo um estudo do governo britânico, seriam necessários US$ 540 bilhões para controlar a emissão dos gases que produzem o efeito estufa. "Não há dinheiro para isso", é o que dizem os governos imperialistas, mas apenas na semana de 12 a 18 de outubro de 2008 eles injetaram US$ 4 trilhões para salvar empresas e bancos.

Por isso, não basta defender a preservação sem ter claro que as questões ambientais só podem ser verdadeiramente compreendidas no plano da luta de classes e antiimperialista. No capitalismo, reformas parciais são totalmente insuficientes, mesmo do ponto de vista ambiental. O dilema entre socialismo ou barbárie vale também para a problemática ambiental.

O fim da exploração irracional dos recursos do planeta só pode ser alcançado por um mundo socialista, baseado na propriedade social dos meios de produção e no planejamento econômico que garanta a racionalização da exploração dos recursos do planeta. A revolução socialista não é nossa única possibilidade, mas é a única chance de salvar a vida humana e o meio ambiente.